

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

JOÃO BATISTA CASCALHO DA SILVA

**A IGREJA DA CIRCUNCISÃO EM CONFRONTO COM A IGREJA DA
FÉ EM GÁLATAS (2,1-10) E ATOS DOS APÓSTOLOS (15,1-35)**

GOIÂNIA
2019

JOÃO BATISTA CASCALHO DA SILVA

**A IGREJA DA CIRCUNCISÃO EM CONFRONTO COM A IGREJA DA
FÉ EM GÁLATAS (2,1-10) E ATOS DOS APÓSTOLOS (15,1-35)**

Dissertação elaborada em cumprimento às exigências para apresentação na banca do curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Linha de Pesquisa: Religião e Literatura Sagrada

Orientação: Dr. Joel Antônio Ferreira.

GOIÂNIA
2019

S586i Silva, João Batista Cascalho da

A igreja da circuncisão em confronto com a igreja da fé em Gálatas (2,1-10) e Atos dos Apóstolos (15,1-35)
/ João Batista Cascalho da Silva.-- 2019.

81 f.

Texto em português, com resumo em inglês

Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades, Goiânia, 2019

Inclui referências: f. 77-81

1. Bíblia - N.T - Gálatas. 2. Circuncisão. 3. Bíblia - N.T. - Atos. 4. Fé. 5. Bíblia - Crítica, interpretação, etc - História - Igreja primitiva, ca. 30-600. I.Ferreira, Joel Antonio. II.Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião - 2019. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 2-536.86(043)

**A IGREJA DA CIRCUNCISÃO EM CONFRONTO COM A IGREJA DA FÉ EM
GÁLATAS (2,1-10) E ATOS DOS APÓSTOLOS (15,1-35)**

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião
da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 27 de março de 2019.


BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Joel Antônio Ferreira / PUC Goiás (Presidente)



Prof. Dr. Pietro Sassatelli / UFG



Profa. Dra. Rosemary Francisca Neves Silva / PUC Goiás

Prof. Dr. Valmor da Silva / PUC Goiás (Suplente)

Prof. Dr. Samuel de Jesus Duarte / IFTM (Suplente)

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor da vida, criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis, por me proporcionar a oportunidade de investigar, estudar e refletir sobre este tema.

Aos meus pais, Odete Cascalho e José Daniel (in *memória*), que mesmo na simplicidade, sempre me apoiaram a seguir no caminho do estudo, como forma de obter sucesso na vida.

À minha querida esposa, Maria Elza, pelo companheirismo, colaboração, correção, leitura e, principalmente, pela compreensão da minha dedicação de muito tempo neste projeto, prejudicando, em parte, a nossa convivência familiar.

Aos meus filhos, nora, genros e netos, por fazerem parte do meu projeto de vida e me deram forças nos momentos de estudos e construção da presente dissertação.

Ao meu amigo e orientador espiritual, Frei Luiz Sampaio, Frade Capuchinho, que também, como colega teólogo, me incentivou a continuar a pesquisa.

Ao meu prezadíssimo orientador, professor Doutor Joel Antônio Ferreira, que foi a mola propulsora para o desenvolvimento deste projeto. Principal elemento de força e coragem para eu finalizar o projeto de pesquisa, pois sua paixão pela pesquisa do cristianismo originário me fez desejar ampliar os meus conhecimentos.

Aos meus colegas do curso do mestrado, turma 2017, que puderam proporcionar melhores dias na minha vida, com as suas companhias e seus conhecimentos.

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião (PPGCR) e seus docentes, que me ajudaram a desenvolver as minhas habilidades na pesquisa e me deram significativa contribuição ao meu aprimoramento acadêmico.

“Com efeito, a religião pura e sem mácula diante de Deus, nosso Pai, consiste nisto: visitar os órfãos e as viúvas em suas tribulações e guardar-se livre da corrupção do mundo”.

Tiago 1, 27

“²⁵Chegada, porém, a fé, não estamos mais sob pedagogo; ²⁶vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus, ²⁷pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo. ²⁸Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus”.

Gálatas 3,25-28

RESUMO

SILVA, João Batista Cascalho. A Igreja da Circuncisão em confronto com a Igreja da Fé em Gálatas (2,1-10) e Atos dos Apóstolos (15,1-35). Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2019.

A presente dissertação tem como objeto a análise da Igreja, coordenada por Tiago, “o irmão do Senhor” (Igreja da circuncisão) e a Igreja coordenada por Paulo (Igreja da fé). A investigação bibliográfica pesquisou o problema da circuncisão relatada em Gálatas (2,1-10) e Atos dos Apóstolos (15,1-35). Os dois textos apresentam a Assembléia de Jerusalém. Diante do problema da circuncisão, motivo de controvérsia entre os dois cenários da igreja primitiva, existem algumas questões abertas: 1) Por que circuncidar os novos cristãos, vindo do paganismo? 2) Por que a Igreja da Circuncisão não conseguiu perceber a riqueza da liberdade do Evangelho ao mundo pagão (incircuncisos)? Trabalhamos com o objetivo de demonstrar que o cristianismo originário não nasceu de uma única prática religiosa e que havia vários grupos que deram origem ao cristianismo. A hipótese que nos orientou é que em Gálatas (2,1-10) e Atos dos Apóstolos (15,1-35) é apresentado o problema da circuncisão para os novos cristãos, oriundos do paganismo. Motivadas pela fé em Jesus Cristo, ambas as igrejas percorrerão caminhos diferentes, mas, com o mesmo objetivo, o anúncio do Evangelho.

Palavras-chave: Igreja Primitiva. Circuncisão. Fé. Confronto.

ABSTRACT

SILVA, João Batista Cascalho. The Church of Circumcision in Confrontation with the Church of the Faith in Galatians (2: 1-10) and Acts of the Apostles (15: 1-35). Master's Dissertation (Post-Graduate, 2019. Program in Religion Sciences) - Pontifical Catholic University of Goiás, Goiânia.

The present dissertation is an analysis of the Church, coordinated by Tiago, "the brother of the Lord" (Church of the circumcision) and the Church coordinated by Paul (Church of the faith). Bibliographical research investigated the problem of circumcision reported in Galatians (2: 1-10) and in the Acts of the Apostles (15: 1-35). Both texts present the Jerusalem Assembly. Faced with the problem of circumcision, a cause of controversy between the two settings in the early church, there are some open questions: 1) Why circumcising the new Christians, coming from paganism? 2) Why did the Church of Circumcision failed in realizing the richness of the freedom of the gospel to the pagan (uncircumcised) world? We worked to demonstrate that the original Christianity was not born from a single religious practice and that there were several groups that gave rise to Christianity. The hypothesis that guided us is that in Galatians (2: 1-10) and in the Acts of the Apostles (15: 1-35) the problem of circumcision for the new Christians from paganism is presented. Motivated by faith in Jesus Christ, both churches will follow different paths, but, with the same goal, the gospel proclamation.

Keywords: Primitive Church. Circumcision. Faith. Confrontation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - CENÁRIOS DE IGREJA	17
1.1 DADOS RELEVANTES DA BIOGRAFIA DE TIAGO, “O IRMÃO DO SENHOR”,	17
NA PERSPECTIVA DE COORDENADOR DA IGREJA DA CIRCUNCISÃO	17
1.2 CARACTERÍSTICAS DA IGREJA COORDENADA POR TIAGO, “O IRMÃO DO SENHOR” (IGREJA DA CIRCUNCISÃO).....	25
1.3 DADOS RELEVANTES DA BIOGRAFIA DE PAULO, NA PERSPECTIVA DE COORDENADOR DA IGREJA DA FÉ	28
1.4 CARACTERÍSTICAS DA IGREJA COORDENADA POR PAULO (IGREJA DA FÉ)	38
CAPÍTULO II – A CONTROVÉRSIA DISCUTIDA	41
2.1 O RELATO DA ASSEMBLEIA DE JERUSALÉM EM At (15,1-35).....	41
2.1.1 Exegese teológica bíblica dos vv.1-3	42
2.1.2 Sobre a controvérsia discutida na Assembleia de Jerusalém, em At	47
2.2 O RELATO DA ASSEMBLEIA DE JERUSALÉM EM GL (2,1-10).....	51
2.2.1 Exegese teológica bíblica dos vv.1-3	52
2.2.2 Sobre a controvérsia discutida na Assembleia de Jerusalém, em Gl	55
2.3 PARALELISMO ENTRE AT 15,1-35 E GL 2,1-10	57
2.3.1 O problema.....	59
2.3.2 A solução.....	60
2.3.3 Análise dos relatos do problema e da solução	61
CAPÍTULO III – PERSPECTIVAS DOMINANTES NOS CENÁRIOS DAS DUAS IGREJAS	65
3.1 A LEI (IGREJA DA CIRCUNCISÃO)	65
3.2 A FÉ (IGREJA DE PAULO)	69
3.3 A UNIVERSALIDADE DO EVANGELHO	71

CONCLUSÃO74

REFERÊNCIAS.....78

INTRODUÇÃO

No Período de 30 a 70 d.C, aproximadamente, no cenário do Império Romano, cultura e civilização grego-romana, cujos imperadores foram: Otávio Augusto (29 a.C – 14 d.C), Tibério César (14-37), Calígula (37-41), Cláudio (41-54), Nero (54-68), Galba/Otônio/Vitório (68), e Vespasiano (69-79) (FERREIRA, 2012, p. 135), o cristianismo rompeu as fronteiras da terra da Palestina e avançou no conjunto da bacia mediterrânea. O historiador cristão Eusébio (265-339), escreveu: “ecoava pela terra toda a voz dos evangelistas e Apóstolos” (H.E. 2,3.1).

Nessa perspectiva, a mensagem cristã expandiu-se entre os judeus da Palestina, de cultura hebraica (Judeus autóctones); entre os judeus da diáspora, de cultura helenística (MONDONI, 2014, p. 31); e entre os pagãos (étnicos/gentios) de cultura e civilização helenística, representados pelos comerciantes, soldados romanos e pelas populações semíticas circunvizinhas (PIERINI, 1998, p. 50), principalmente, no período de 30 a 45 d.C.

Para entender melhor essa complexidade do ambiente judeu, em que a Igreja cristã primitiva se desenvolveu, Hamman (1995, p. 35) vai classificar o judaísmo em judeus e não judeus. Sendo que os judeus se dividem em: judeus palestinos, aqueles que residiam na Terra Santa (circuncisos); e judeus da diáspora ou helenistas, aqueles que viviam fora da Terra Santa (judeus dispersos entre os pagãos). Aqui precisamos fazer um recorte: judeus da diáspora e helenistas são, conceitualmente, diferentes. Pois, na diáspora podem-se encontrar judeus ortodoxos (fechados) e abertos (FERREIRA, 2012, p. 27-30). Mas, os não judeus, Hamman (1995, p. 35) os divide em: prosélitos (não judeu integrado aos judeus pela circuncisão e pelo batismo); os tementes a Deus (não judeus que aceitavam a fé monoteísta); e os incircuncisos (nações, gentios, pagãos).

Diante dessa complexidade e diversidade de experiências cristãs, vão surgir diversos grupos que darão origem ao cristianismo (FERREIRA, 2012). Entretanto, nosso trabalho terá como foco apenas dois cenários da igreja primitiva: A igreja coordenada por Tiago, “o irmão do Senhor”, e a igreja coordenada por Paulo. Esses modelos estão explícitos a partir da leitura de Atos dos Apóstolos (15,1-35) e Gálatas (2,1-10), onde são apresentados conflitos étnicos e religiosos (divergências eclesiológicas, cristológicas e teológicas) a respeito da prática e da fé cristã. Doravante, todas nossas reflexões, análises e estudos estarão centrados nesses

dois modelos.

Pesquisamos, bibliograficamente, a ascensão e a liderança do coordenador da Igreja-mãe de Jerusalém, Tiago, “o irmão do Senhor”, e a principal característica de sua Igreja (Igreja da Circuncisão¹). Esse modelo tem como fiéis os judeus que se converteram ao cristianismo e que moravam em Jerusalém. Mas, temos questões abertas: Quem é esse Tiago? Como surgiu a sua liderança? Encontraremos uma pequena pista em Atos dos Apóstolos 1,12-14, onde descreve que em Jerusalém existiam três grupos de cristãos: os doze apóstolos, as mulheres e os irmãos de Jesus:

“¹²Então, do monte chamado das Oliveiras, voltaram a Jerusalém. A distância é pequena: a de uma caminhada de sábado. ¹³Tendo entrado na cidade, subiram à sala superior, onde costumavam ficar. Eram Pedro e João, Tiago e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, o Zelota; e Judas, filho de Tiago. ¹⁴Todos estes, unânimes, perseveravam na oração com algumas mulheres, entre as quais Maria, a mãe de Jesus, e com os irmãos dele”.

Por outro lado, pesquisaremos também, a liderança de Paulo, coordenador da igreja fora da palestina (Igreja da fé²), bem como, a principal característica da igreja, que ele representa. Esse modelo tem como fiéis os pagãos/étnicos que se converteram ao cristianismo. “Lucas no livro Atos dos Apóstolos vai demonstrar que a missão de Paulo foi fundamental para que o evangelho chegasse à Grécia e à Roma” (FERREIRA, 2012, p. 20). Portanto, Paulo arranca a nacionalização da salvação dos judeu-cristãos e a coloca nas mãos de quem tem fé em Jesus Cristo, ou seja, na visão de Paulo a promessa de Deus é universal.

Os dois cenários de igreja confrontam-se, em 48-51 d.C. (aproximadamente). Entram em crise, sobretudo, após grande avanço da evangelização no mundo pagão, provocando assim, uma reunião em Jerusalém com os pilares do cristianismo, naquela época: Pedro, João e Tiago, “o irmão do Senhor” (Gl 2,9). Pesquisaremos os conflitos apresentados em Atos dos Apóstolos (15,1-35) e Gálatas (2,1-10) e as suas consequências.

O objeto da presente dissertação é analisar a Igreja, coordenada por Tiago, “o irmão do Senhor”, (Igreja da circuncisão), que foi a prática dos primeiros cristãos

¹ Bagatti (1975) vai denominá-la de Igreja da circuncisão.

² Igreja da Fé. “A salvação vem pela fé em Jesus Cristo, que comunicou o Espírito de Liberdade” (FERREIRA; SILVA *apud* FERREIRA, 2012, p. 33).

residentes em Jerusalém, iniciada logo após a morte de Jesus de Nazaré, entre os anos 30 a 62, aproximadamente. Tiago, “o irmão do Senhor”, conhecido também, por ser o primeiro Bispo da Igreja de Jerusalém³. É o provocador da controvérsia.

Temos também, como objeto, análise da Igreja coordenada por Paulo (Igreja da fé), cuja prática cristã foi fundamentada na fé em Jesus Cristo, da qual Paulo recebeu a missão de pregar o evangelho aos gentios (Gl 1,16). Fiel a sua missão, Paulo expandiu o cristianismo para os povos de fora de Jerusalém (étnicos, gentios, pagãos, etc), isto é, povos e nações do mundo helenístico: “Pois aquele que operava em Pedro para a missão dos circuncisos operou também em mim em favor dos gentios” (Gl 2,8).

O Cristianismo primitivo possui muitos questionamentos que merecem uma investigação científica. Nesse sentido, investigaremos o problema da circuncisão, relatado na leitura do livro Atos dos Apóstolos (15,1-35), bem como, a leitura de Gálatas (2,1-10), os quais apresentam à Assembléia⁴ de Jerusalém, a primeira reunião das igrejas cristãs circunvizinhas. Ora, se foi preciso uma assembleia entre duas principais igrejas primitivas é porque havia conflitos de fé, conflitos nas ações pastorais e nas diferentes experiências religiosas entre os primeiros cristãos.

A prática da circuncisão entre os judeus, tornou-se para os dois cenários da igreja primitiva, fiéis a Jesus Cristo, um problema diante da perspectiva missionária de evangelização para os povos gentios. Mas, existem algumas questões abertas que nos importunam:

- 1) Por que circuncidar os novos cristãos, vindo do paganismo?
- 2) Por que a Igreja da Circuncisão não conseguiu perceber a riqueza da liberdade do evangelho ao mundo pagão (incircuncisos)?

A presente pesquisa tem como objetivo demonstrar que o cristianismo originário não nasceu somente de uma única prática religiosa cristã, mas, que havia vários grupos que deram origem ao cristianismo. Dentre eles, a igreja coordenada

³ (PIXLEY, 1995, p. 137), O historiador Eusébio, considera Tiago “o irmão do Senhor” o primeiro bispo, “já quem foi imposto o trono episcopal em Jerusalém pelos apóstolos” (H.E.II.23.1).

⁴ Termo utilizado por nós, de acordo com a Bíblia de Jerusalém e também, por O’Connor (2015). Apesar que diversos autores utilizam o termo concílio, por exemplo: Fitzmyer (2015, p. 1484/85). Entretanto, Comblin (2012, p. 270), vai utilizar o termo conferência. Mas, no mesmo sentido de reunião. Pois, na sua concepção a idéia de concílio evoca uma reunião de um conjunto de igrejas, de todas as igrejas do universo ou de todas as igrejas de uma região. Neste caso, estão presentes apenas duas igrejas, Jerusalém e Antioquia.

por Paulo e a igreja coordenada por Tiago, “o irmão do Senhor”.

Não obstante, queremos, especificamente, identificar como esses dois evangelizadores sobressaíram sobre os demais. Também, queremos examinar as práticas de igreja coordenada por Paulo e a coordenada por Tiago, “o irmão do Senhor”. Ainda, quais foram os motivos para a reunião em Jerusalém? Por fim, queremos analisar as decisões da assembléia de Jerusalém, bem como, as suas consequências.

A hipótese que nos orientou durante o desenvolvimento da pesquisa é que em Gálatas (2,1-10) e Atos dos Apóstolos (15,1-35) é apresentado o problema da circuncisão para os novos cristãos, oriundos do paganismo. Por amor missionário aos étnico-gentios e a liberdade em Cristo, surge o confronto entre a Igreja da Circuncisão e a Igreja da Fé, pois a abertura aos povos pagãos foi dinamizada com uma nova perspectiva missionária.

Para entender o estado da questão e responder a hipótese do objeto investigado, pesquisamos os principais autores: Comblin (2012), O’Connor (2015), Bernheim (2003) Ferreira (2012), Pixley (1995), e Brown; Fitzmyer; Murphy (2015). Além das referências mencionadas no final desta dissertação.

Tomamos como ponto de partida os pressupostos da ciência da religião, área de concentração da Religião, na linha da Literatura Sagrada, para elencarmos três perspectivas que nortearam toda nossa pesquisa bibliográfica: exegese bíblica, cristológica e eclesiológica.

A primeira perspectiva, exegese bíblica, “procura compreender a fundo toda realidade material e concreta que os textos pressupõem dentro da qual surgiram e se formaram” (WEGNER, 1993, p. 3), numa visão moderna, a pesquisa entende que é muito importante a utilização desse recurso científico para a interpretação de textos do Novo Testamento. Exegese é a busca de significados mais profundos do texto. É extrair, captar do texto elementos de fator unificante. Etimologicamente, surgiu a partir do grego *exégésis*, que significa “interpretação”, “tradução” ou “levar para fora (expor) os fatos. Portanto, exegese é parte integrante da hermenêutica. Segundo Brown (2015), o significado de hermenêutica vem da palavra grega “*hermência*” que abrange um amplo escopo de interpretação e esclarecimento, mas que pode abranger também a fala, a tradução e o comentário.

A segunda perspectiva, a cristológica, é analisada a partir da páscoa, no Novo Testamento, onde percebemos que não existe uma cristologia apenas, mas muitas.

Focamos nas duas perícopes bíblicas, que são a base do nosso tema, para descobrirmos que teologia fundamenta tais textos. No livro Atos dos Apóstolos, Jesus é mostrado como o Senhor ressuscitado, vivo e presente no meio das comunidades, pela força do Espírito Santo. Cristo ressuscitou! Esse é o anúncio básico de todo o cristianismo (At 2,32; 3,15). Paulo, em seus escritos, produz diversas cristologias. Releu o mesmo e único evento pascal de diversos modos. Mas, em Gálatas, apresenta o Cristo do presente da vida cristã, o crucificado-ressuscitado, o Senhor que vence a morte (Gl 1,1-3). Porém, também em Gálatas, segundo Ferreira (2011, p. 90) aparecem modos diferentes da cristologia. O Cristo da Igreja de Jerusalém que aprova a separação da mesa (Gl 2,11-14) e o Cristo da Igreja dos Gentios que é partilha (Gl 3,28).

Na terceira perspectiva, a eclesiológica, percebemos, também, que toda eclesiologia se fundamenta no Novo Testamento. O livro Atos dos Apóstolos, numa visão utópica, apresenta que a eclesiologia nasce da ação de Jesus, da Igreja, dos escritores que se dirigem à Igreja, e também, da ação do Espírito Santo. O núcleo da comunidade é a dimensão de comunhão (*koinonia*) com o Senhor e com os irmãos (pobres). Atos 2,42-47 e 4,32-34, descreve que a Igreja de Cristo precisa estar centrada em três pilares: comunidade de fé, culto e caridade. Ao analisar a eclesiologia no Novo Testamento e buscar traços fundamentais, a partir das primeiras comunidades cristãs, percebemos que o Deus que ressuscita Jesus é o que cria a comunidade eclesial, reunindo um grupo de homens e mulheres dispersos, humilhados e derrotados. A Igreja na história da salvação é conduzida pelo Espírito libertador (At 1,8). A Igreja e Jesus estão em continuidade com toda a tradição de Israel. Primeiro vem Jesus, depois a comunidade dos Doze (At 1,23-26), e por último, os presbíteros (At 14,23). Percebemos que em Atos tudo depende do Espírito (At 3,5-7), ou seja, o Pentecostes é a nova criação. Entretanto, em Gálatas a eclesiologia é múltipla, pois a Galácia é formada por diversas comunidades cristãs, diferenciadas segundo a cidade, a província, por condicionamentos socioculturais locais e singulares (Gl 1,2). Não obstante, Ferreira (2011, p. 90) apresenta dois modelos de igreja em Gálatas: A Igreja que é continuação do judaísmo, por consequente, quer submeter os helenistas e gentios ao jugo da Lei e a igreja dos gentios, da liberdade (Gl 2,4).

Essas perspectivas permitirão um bom desenvolvimento da nossa pesquisa bibliográfica. Evidentemente, todas elas serão aprofundadas, refletidas e analisadas

sob a ótica da experiência cristã dos grupos originários do cristianismo primitivo. Sobretudo, os dois cenários de igreja ora estudados, apresentados em Atos dos Apóstolos (15,1-35) e Gálatas (2,1-10)

A nossa dissertação está estruturada em três capítulos: No primeiro, analisamos os dois cenários de Igreja, da circuncisão e da fé. Destacamos algumas características de Tiago, “o irmão do Senhor” e de Paulo, dentro da perspectiva de coordenadores das igrejas pesquisadas, e elencamos as principais características das igrejas investigadas.

No segundo capítulo, analisamos a controvérsia da circuncisão discutida em Gálatas (2,1-10) e Atos dos Apóstolos (15,1-35). Realizamos um paralelismo entre os dois textos, focando no problema e na decisão. Após isso, elaboramos uma exegese de alguns versículos de Gálatas e Atos dos Apóstolos, utilizando o método da crítica literária.

Finalmente, no terceiro capítulo, analisamos as perspectivas dominantes nos dois cenários de igreja investigados, ou seja, a Lei (Igreja da Circuncisão), a Fé (Igreja da Fé) e a universalidade do Evangelho.

Esperamos com este trabalho contribuir com a investigação acadêmica sobre o cristianismo originário, levando o leitor à reflexão de que, desde os primórdios, a fé cristã não é um bloco monolítico, mas, uma pluralidade de cristologias e eclesiologias. Todas essas perspectivas são frutos da diversidade de experiências religiosas (grupos) em torno da prática (movimento) de Jesus de Nazaré. Não obstante, partindo dessa premissa, fica mais fácil entender os propósitos das diversas igrejas cristãs que encontramos na nossa atualidade.

CAPÍTULO I - CENÁRIOS DE IGREJA

Para elaborarmos uma reflexão sobre cenários da igreja, precisamos ter em mente que a fé é um elemento subjetivo, pois ela parte da premissa da confiança e da fidelidade a uma experiência originária que os homens fazem com a sua divindade. Tanto Paulo, como Tiago “o irmão do Senhor”, provavelmente tiveram essa experiência. Com certeza, suas vidas mudaram, radicalmente, a tal ponto de seduzirem seguidores e discipulados. Salientamos apenas alguns dados de suas biografias, dentro da perspectiva de coordenadores das igrejas que estamos pesquisando. Apenas um recorte dentro de universo maior. Mesmo porque suas biografias são muito amplas.

1.1 DADOS RELEVANTES DA BIOGRAFIA DE TIAGO, “O IRMÃO DO SENHOR”, NA PERSPECTIVA DE COORDENADOR DA IGREJA DA CIRCUNCISÃO

A história do cristianismo primitivo da Palestina, de 30 a 65, principalmente, da Igreja de Jerusalém, foi muito estudada, questionada e debatida, ao longo dos séculos. Haja vista, um assunto muito divergente, os discípulos chamados “Tiagos”:

Fazendo uma pesquisa no Novo Testamento, principalmente no livro Atos dos Apóstolos (Bíblia de Jerusalém, 2014) encontramos três personagens com esse mesmo nome. Tiago (At 1,13), Tiago, filho de Alfeu (At 1,13) e Tiago, “o irmão do Senhor” (At 12,17; 15,13 e 21,18). Sendo que esse último, Atos dos Apóstolos não explicita a designação de “irmão do Senhor” mas, na Carta de Paulo aos Gálatas, quando se refere a este personagem, na sua primeira viagem a Jerusalém, aproximadamente ano 35 dC (PIXLEY, 1995, p.127), Paulo o apresenta como “o irmão do Senhor”:

¹⁸Em seguida, após três anos, subi a Jerusalém para avistar-me com Cefas e fiquei com ele quinze dias. ¹⁹Não vi nenhum apóstolo, mas somente Tiago, o irmão do Senhor. ²⁰Isto vos escrevo e vos asseguro diante de Deus que não minto” (Gl 1,18-20).

Tiago, chamado de Maior, considerado assim por ser mais velho do que Tiago Menor, era de Betsaida na Galiléia e sua profissão era pescador, assim como seu irmão João (Mc 1,19). Segundo Atos dos Apóstolos, Tiago Maior foi morto,

provavelmente, entre 42-44 d.C, por Herodes Agripa I: “Nessa mesma ocasião, o rei Herodes começou a tomar medidas visando a maltratar alguns membros da Igreja. Assim, mandou matar à espada Tiago, irmão de João” (At 12,1-2).

Tiago Menor ou Tiago de Alfeu/Cleofas (Mt 10,3; Mc 3,18; Lc 6,15), Segundo Robert Eisenman (*apud* BURTON, 2002) era chamado assim para distingui-lo de Tiago, irmão de João, ambos os filhos de Salomé e Zebedeu (Mc 3,17; Lc 5,10; Mt 10,2; Mt 4,21). Tiago Menor, filho de Alfeu/Cleofas e Maria (Jo 19,25) também era um dos apóstolos e foi condenado à morte à clava. Entretanto, o Tiago Menor, pelo contexto e contemporaneidade, pode ser facilmente confundido com o Tiago, “o irmão do Senhor”.

Silva (2014, p. 425), apresenta Tiago, “o irmão do Senhor”, como a figura mais emblemática da família de Jesus. Ele aparece nas narrativas contidas em Gálatas (1,19; 2,9 e 2,12) e 1º Coríntios (15,7). Mas, Paulo somente o qualifica em Gl 1,19.

Segundo Silva (2014, p. 425), Marcos e Mateus trazem relatos sobre a família de Jesus, onde é mencionado esse Tiago. Em Marcos (6,3), Tiago aparece na redação como parente de Jesus, porém, Marcos (3,31-35) apresenta a família de Jesus de forma negativa (PIXLEY, 1995, p. 136), pois eles o teriam renegado, bem como o consideravam louco. Mateus considerava Tiago como irmão de Jesus de Nazaré. Mateus refere-se a ele: "Não é ele (Jesus) o filho do carpinteiro? Não se chama a mãe dele Maria⁵ e os seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas?" (Mt 13,55).

Não obstante, São Jerônimo fundamentado no Novo Testamento e para refutar as teorias dos irmãos de Jesus, vai apresentar sete pessoas com o nome de Tiago (BERNHEIM, 2003, p. 30-31):

- 1) Tiago, filho de Zebedeu (Mc 1,19; At 1,13);
- 2) Tiago, filho de Alfeu (Mt 10,3; Mc 3,18; Lc 6,15);
- 3) Tiago, o irmão do Senhor (Mt 13,55 e Mc 6,3);
- 4) Tiago, o pequeno, ou Tiago Menor (Mc 15,40; 16,1; Mt 27,56; Lc 24,10);

⁵ No século III Orígenes (185-253) mostra o começo do que depois veio a ser uma diferença entre intérpretes católicos e protestantes. Em seu Comentário a Mateus diz que Tiago e outros foram irmãos de Jesus por um primeiro matrimônio de José de sua união com Maria. Esse tal matrimônio é uma conjectura muito antiga para salvar a virgindade perpétua de Maria. Sua aceitação é uma questão mais doutrinária que histórica: é possível e, tendo-se por verdade dogmática a virgindade perpétua, resolve a relação de Tiago com Jesus. (PIXLEY,1995. p. 137, nota de rodapé n. 11).

- 5) Tiago, o pai ou menos provavelmente o irmão de um dos Doze, chamado Judas (Lc 6,16 e Atos 1,13);
- 6) O Autor da Carta de Tiago (Tg 1,1);
- 7) O irmão do autor presumido da epístola de Judas (Jd 1,1).

Tendo em vista as narrativas do Novo Testamento sobre a família de Jesus, inclusive, em Lucas 8,19-21 e João 2,12; 7,3-5, os quais não citam os nomes de seus irmãos⁶, logo nos primeiros séculos do cristianismo, vão surgindo diversas teorias sobre os seus irmãos e suas irmãs.

Bernheim (2003, p. 28-39), conhecedor das controvérsias surgidas nos séculos II, III e IV, vai apresentar três teorias sobre a família de Jesus.

A primeira chamada Teoria helvidiana, criada por Helvédio, foi publicada em 380 em Roma, cujas premissas estão baseadas nos textos neotestamentários: Mateus menciona que José "tomou consigo sua mulher e não a conheceu até o dia em que ela deu à luz um filho" (1,24-25) e também, Lucas menciona que Maria deu à luz "seu filho primogênito" (2,7). Nessa perspectiva, Tiago e seus irmãos seriam filhos de Maria e José nascidos depois de Jesus. Outra fundamentação está na palavra grega das narrativas dos evangelhos que é *adelphós*, ou seja, quando empregada em sentido não figurado significava irmãos de sangue. No cristianismo apologético dos primeiros séculos foram adeptos a esta teoria, Hegesipo (115-185), Tertuliano (160-220) e Bonoso (morto em 400). Entretanto, nos últimos séculos, com os avanços dos estudos críticos sobre o Novo Testamento, surgiram muitos adeptos protestantes e católicos eminentes, como R. Pesch. Mas, o mais conhecido atualmente é o exegeta e especialista em Novo Testamento, John P. Meier.⁷

A segunda teoria (BERNHEIM, 2003, p. 29-30) é chamada de epifaniana, por causa de Epifânio (315-403), bispo de Salamina. Em seu tratado sobre as heresias (*Panárion*), escrito por volta de 370, apresenta a interpretação de que Tiago e seus irmãos seriam de um primeiro casamento de José. Ou seja, José era viúvo e já tinha filhos quando esposou Maria. São adeptos a essa teoria na Igreja antiga: Clemente de Alexandria (150-215), Orígenes (185-253), Eusébio (265-339) e outros padres da Patrística. Os exegetas da atualidade vêm essa teoria com ceticismo. Seus últimos

⁶ Também, o *Evangelho de Tomé*, dito (*Iógon*) 99: "Os discípulos lhe disseram: Teus irmãos e tua mãe estão lá fora. Disse-lhe: estes aqui que fazem a vontade de meu Pai, estes são meus irmãos e minha mãe; são eles que entraram no Reino de meu Pai". (LELOUP, 2012, p.190)

⁷ Professor da Catholic University of America.

defensores foram os exegetas do século XIX: J.B. Lighfoot e Richard Bauckham, professor da Universidade de Saint Andrews, que tentaram reabilitá-la.

Na perspectiva da segunda teoria, o livro apócrifo *Evangelho do Pseudo-Mateus*, item 42,1, apresenta Jesus em família: “Quando José ia a um banquete com seus filhos Tiago, José, Judas e Simão, e com suas duas filhas, iam também Jesus e Maria, sua mãe, com sua irmã Maria de Cléofa [...]” (MORALDI, 1999, p. 160).

Não obstante, no início do século II, o livro apócrifo *História de José Carpinteiro* (MORALDI, 1999), vai sustentar que estes “irmãos do Senhor” eram filhos de José, frutos de um casamento anterior a Maria:

“[2,1] Houve um homem de nome José, nascido de uma estirpe de Belém, cidade de Judá, e da estirpe do rei Davi. [...] no ofício de carpinteiro e, como é costume entre todos os homens, casou-se. Gerou filhos e filhas: quatro filhos e duas filhas. Estes são seus nomes: Judas, Justo, Tiago, Simeão; as duas filhas se chamavam Ássia e Lídia.” (MORALDI, 1999, p.169).

Na terceira teoria chamada jeronimiana e suas variantes (BERNHEIM, 2003, p. 30-39), São Jerônimo considerava os irmãos de Jesus como primo/parentes. Afirma que a Virgem Maria não teve mais filhos. E os “irmãos de Jesus” (Mt 13,55), são filhos de uma outra Maria (Mt 28,1) discípula de Jesus. Portanto, nesta perspectiva, segundo a tradição, trata-se de parentes próximos de Jesus, talvez primos e não necessariamente irmãos de sangue. Pois, fundamentado na Sagrada Escritura hebraica, utilizar a palavra “irmão” para designar parentes era o costume dos judeus. Mesmo porque, na língua hebraica não tem uma palavra para designar primo/sobrinho e emprega-se às vezes, a palavra “irmão” (*ah*): “Abrão disse a Ló: “Que não haja discórdia entre mim e ti, entre meus pastores e os teus, pois somos irmãos!” (Gn 13); “Eles tomaram também Ló (o sobrinho de Abrão) e seus bens, e se foram...” (Gn 14). Vários autores contemporâneos se manifestam favorável a esta teoria, entre eles encontramos o doutor em história da Igreja, o sacerdote Franco Pierini (1998), que escreve na página 49: “Tiago de Zebedeu, irmão de João, e Tiago de Alfeu (este último provavelmente diferente de Tiago o Justo, parente de Jesus e chefe da comunidade judeu-cristã de Jerusalém) pregam...]”.

No livro apócrifo *O Evangelho Secreto da Virgem Maria* (MARTIN, 1998, p. 103), relata:

[...] Jesus era um menino como os outros, ao mesmo tempo bem diferente. Brincava com todos meninos.... Um desses amigos fiéis foi seu primo Tiago,

que muitos acreditavam ser seu irmão porque se pareciam muito e andavam sempre juntos.

Também, no mesmo livro encontramos outro trecho que ratifica a ideia do autor:

[...] desde o primeiro momento o povo se aglomerou em frente à nossa casa. Minhas primas e eu estávamos ocupadíssimas em atender a todos e Ele não deixava de ouvir os velhos amigos que acudiam para vê-lo. Principalmente a seus primos Tiago, Judas e Simão, que sempre haviam sido seus companheiros (MARTIN, 1998, p.140).

Além do Novo Testamento e dos evangelhos apócrifos, encontramos, também outros relatos sobre o Tiago, “o irmão do Senhor”, no Capítulo 20 das *Antiguidades judaicas*, do historiador judeu Josef Ben Matias, mais conhecido como Flávio Josefo (37-100 d.C), que viveu e narrou as histórias judaicas na Palestina no século I.

Partindo para o estudo do nosso personagem, segundo Silva (2014), Tiago, “o irmão do Senhor”, teria sido o líder da primeira comunidade cristã de Jerusalém, depois de Pedro e dos Apóstolos (At 12,17;15; 21,17-21). Ele entra em cena como bispo de Jerusalém⁸, primeiro chefe da Igreja de Jerusalém⁹ após o martírio de Tiago, o Maior, no ano 42-44 d.C (At 12,1-2) e após o afastamento de Pedro de Jerusalém (At 12,17-19; 21,18-25).

Judeu de origem, Tiago, “o irmão do Senhor”, é apresentando sempre como um devoto judeu, zeloso pelo cumprimento de todas as prescrições e muito piedoso. Também era conhecido como o Justo.¹⁰

Pixley (1995, p. 141), fundamentado em Hegesipo (H.E.II.23.5-6) e Epifânio, bispo de Salamina, Chipre (Haer 29.3-4 e 78.6-7) relata que Tiago, “o irmão do Senhor”, mesmo convertido ao cristianismo, mas por ser um judeu devoto, vestia-se como um sacerdote, inclusive com a mitra do sumo sacerdote, e possuía direitos como tal, inclusive tinha acesso ao Templo e ao Santo dos Santos, uma vez por ano. Portanto, seu relato está em consonância com Atos 6,7: “E a palavra do Senhor crescia. O número dos discípulos multiplicava-se enormemente em Jerusalém e

⁸ O historiador Eusébio de Cesárea (265-339), considera Tiago “o irmão do Senhor” o primeiro bispo, “já quem foi imposto o trono episcopal em Jerusalém pelos apóstolos” (H.E.II.23.1). Concorda com esta idéia: PIXLEY (1995, p.137) e Epifânio de Salamina (315-403), no seu tratado sobre as heresias, *Panárion* (BERNHEIM, 2003, p.17).

⁹ Clemente de Alexandria (150-217), em seus *Hypotyposis* (esboços) redigidos por volta do ano 200. (BERNHEIM, 2003, p.17).

¹⁰ Evangelho de Tomé, dito (*lógion*) 12; e Hegesipo (110-180) em H.E.II.23.7 (PIXLEY, 1995. p.144).

considerável grupo de sacerdotes obedecia à fé”, bem como, com o relato de Atos 21,20: “[...] Tu vês, irmão, quantos milhares de judeus há que abraçaram a fé, e todos são zeladores da Lei! ”.

Tiago “o irmão do Senhor”, desempenha o papel de bispo, presidindo os presbíteros e dando ordens (At 21,18-25), isto quer dizer que Pedro saiu de cena. Percebemos então, uma notável liderança ancorada em testemunhos inquestionáveis (PIXLEY, 1995, p. 138). Outros dois exemplos de liderança exercida por Tiago “o irmão do Senhor”, segundo Pixley, está no conflito entre os hebreus e helenistas (At 6-7):

Estevão, um dos helenistas acusado de menosprezar o Templo e a Lei, foi executado pela multidão enfurecida, havendo uma perseguição contra a Igreja em Jerusalém. Com exceção dos apóstolos, todos se dispersaram (At 8,1). As autoridades judias perseguiram os cristãos helenistas mas conviveram com os cristãos de origem hebréia (PIXLEY *apud* FERREIRA, 2012, p. 21).

Outro exemplo está no episódio de Cornélio (At 10-11). Pixley viu neste fato: “A atitude de Pedro como desestabilização da Igreja em Jerusalém. A partir daí os líderes da Igreja removeram Pedro e colocaram Tiago, “o irmão do Senhor”, em seu lugar” (PIXLEY *apud* FERREIRA, 2012, p. 22).

Concordando, em parte, com a tese de Pixley, o autor judeu Bernheim (2003), mostra que vários especialistas aceitam a concepção de que a ascensão (primado) de Tiago, “o irmão do Senhor”, à frente da comunidade cristã de Jerusalém, deu-se no momento da partida de Pedro de Jerusalém (At 12,17), havendo uma transferência de poder de Pedro para Tiago, “o irmão do Senhor”. Então, Pedro tornou-se missionário e Tiago, “o irmão do Senhor”, tornou-se autoridade preeminente do movimento cristão. Por ter atitudes estritas com a Lei mosaica e a prática judaica, Tiago, “o irmão do Senhor”, possivelmente, escapou da perseguição do rei Herodes Agripa I (BAUCKHAM *apud* BERNHEIM, 2003, p. 216-217). Essa ideia é chamada de primeira escola. Também, dessa concepção vai surgir uma segunda escola, qual apresenta que a transferência do poder de Pedro para Tiago, “o irmão do Senhor”, sendo fruto de uma evolução teológica maior na Igreja primitiva de Jerusalém. Pois, enquanto a Igreja de Jerusalém era liderada por Pedro e os outros apóstolos, predominava uma atitude relativamente laxista (liberal) diante da Lei e dos gentios, talvez, por eles terem vivido com Jesus e sua prática libertadora.

O episódio do batismo de Cornélio (At 10, 1-11.18) retrata bem essa ideia. A Igreja de Jerusalém vai assumindo, naturalmente, o poder, com o afastamento de Pedro e também, com a chegada de novos judeu-cristãos tradicionalistas, inclusive sacerdotes (At 6,7). Ou seja, vão perdendo a radicalidade da mensagem de Jesus e vão aderindo ao legalismo e à prática do judaísmo (BERNHEIM, 2003, p. 217).

Na Assembleia (reunião) de Jerusalém, Tiago, “o irmão do Senhor”, propôs que os novos cristãos (gentio-cristãos) não fossem sobrecarregados com os rigores da Lei judaica (At 15,13-23). A sua proposta foi aceita. O próprio Paulo o denominou, juntamente com Cefas (Pedro) e João, “colunas da Igreja” (Gl 2,9).

A Tiago, “o irmão do Senhor”, é atribuída uma das sete epístolas denominadas católicas. Todavia, no início da carta (1,1), o autor auto denomina-se “Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo”. Entretanto, conforme Thomas W. Leahy (2015, p. 668), o Tiago da epístola fala dos apóstolos no tempo passado e não se identifica como sendo um deles, além do mais, há um elegante estilo literário grego usado pelo autor, bem diferente do que seria usado por um Galileu. Também, tudo indica que a carta foi escrita entre os anos 80 a 150, ou seja, bem depois da morte de Tiago. Então, provavelmente, foi escrita por algum seguidor ou discípulo de Tiago, “o irmão do Senhor”. Os pesquisadores bíblicos da atualidade gostam da ideia de que se trata de um pseudônimo. Talvez um cristão versado tanto no helenismo quanto no judaísmo (LEAHY, 2015, p. 668).

Seguindo essa linha de pensamento, Tamez (1985, p. 21) afirma que para dar autoria dessa epístola a Tiago seria muito arriscado, pois, como determinar qual dos “Tiagos”? Principalmente, porque nos textos do Novo Testamento, não há indícios seguros para a determinação de seus autores:

[...] o autor, para nós, é um homem chamado Tiago, que se apresenta como Servo do Senhor Jesus Cristo [...]. Trata-se de uma pessoa preocupada com o bem-estar das comunidades cristãs oprimidas, e pelos pobres em geral [...]. Num momento em que havia sofrimento e opressão (TAMEZ, 1985, p. 23).

Entretanto, essas afirmações mencionadas nos parágrafos anteriores, não são unânimes para os pesquisadores. Segundo o teólogo e exegeta chileno, Pablo Richard, a autoria da carta de Tiago é, possivelmente, do chefe da comunidade cristã em Jerusalém, na década de 50, do século I d.C, chamado Tiago, “o irmão do Senhor” (RICHARD *apud* FERREIRA, 2012, p. 19).

Quanto à ambientação sociológica da carta, Lima (2017, p. 23) salienta que: “embora haja posições que indiquem uma falta de parâmetros para tal determinação, é evidente, pelos elementos textuais, que a epístola foi ambientada entre os anos 40 e 70 d.C.” Ou seja, o contexto social da carta refere-se ao ambiente da cidade de Jerusalém, no período que Tiago, “o irmão do Senhor”, foi líder da igreja.

Sobre o final da liderança e a morte do proeminente líder da Igreja da Circuncisão, Flávio Josefo (BERNHEIM, 2003, p. 13), afirma que Tiago, “o irmão do Senhor”, foi apedrejado até a morte pelo Sinédrio (Conselho dos anciãos) em 62 d.C. Conforme relato contido no Capítulo 20 das *Antiguidades judaicas*:

Anás, o jovem, {...} era um caráter orgulhoso e tinha notável coragem; seguia, na verdade, a doutrina dos saduceus, que são inflexíveis em sua maneira de ver as coisas, se comparados com os outros judeus {...}. Anás, acreditando beneficiar-se de uma ocasião favorável entre a morte de Festo e a chegada de Albino, reuniu um Sinédrio e intimou Tiago, irmão do Jesus, chamado o Cristo, e alguns outros a comparecer, acusando-os de transgressão da Lei, e o condenou à lapidação {...}. Mas todos os habitantes da cidade que eram mais moderados e observavam mais estritamente a Lei ficaram irritados e mandaram pedir secretamente ao rei que ordenasse a Anás que não agisse assim, pois antes ele já tinha se conduzido injustamente {...}. O rei Agripa cassou-lhe por esse motivo o sumo pontificado que ele tinha exercido por três meses {...}. (JOSEFO apud BERNHEIM, 2003, p. 14).

O judeu Bernheim (2003, p. 14) apresenta algumas questões sobre esse texto de Josefo, que são salientadas por John Dominic Crossan, especialista atual em Jesus e no Novo Testamento. São eles: A morte de um líder cristão poderia derrubar um sumo sacerdote poderoso como Anás (Ananias), que provinha de uma família com mais de sessenta anos de tradição sacerdotal, com oito sumos sacerdotes? Teria Tiago aliados poderosos em Jerusalém? Ainda, Bernheim (2003, p.15), apresenta também que, o teólogo Orígenes (185-253), em seu tratado *Contra Celso*, menciona que Flávio Josefo, atribuiu a destruição de Jerusalém em 70, como castigo aos judeus pela morte de Tiago. E que Eusébio de Cesárea (265-339) e Jerônimo (347-420), corroboraram com este pensamento.

Ainda, sobre a morte de Tiago, “o irmão do Senhor”, o historiador Eusébio na *História Eclesiástica II e XXII*, além de Flávio Josefo, apresenta também, o relato de mais dois textos de autores diferentes: Clemente de Alexandria e Hegesipo (BAGATTI, 1975, p. 14).

Dois autores da atualidade (MONDONI, 2014, p. 32 e PIXLEY, 1995, p. 145)

discordam dessa concepção, pois segundo eles, quem foi condenado e morto em 62 (apedrejado), pelas autoridades do Templo (sinédrio) foi Tiago Menor e não Tiago, “o irmão do Senhor”.

Em junho de 2002 o Arqueólogo francês André Lemaire, especialista em inscrições antigas da Universidade de Sorbonne, descobriu em Jerusalém, uma urna fúnebre, datada de 63 d.C., com as inscrições em aramaico “*ya’aqob filho de yoseph irmão de yeshoua*” que segundo Lemaire poderá ser lido assim: “Tiago, filho de José, irmão de Jesus”. (CRAVEIRO, 2002).

Craveiro (2002), afirma que a autenticidade do Ossuário de Tiago foi colocada seriamente em xeque pelo comitê de arqueólogos de Israel. Todavia, o diretor do comitê, Shuka Dorfam, tornou público, com base em estudos, que o Ossuário é verdadeiro, porém, a inscrição é falsa. Segundo o diretor isto significa que alguém colheu uma caixa real e efetuou a inscrição nela, provavelmente, para dar-lhe uma importância religiosa.

Em síntese, em torno desse personagem existem muitas especulações que movem pesquisadores, investigadores, cientistas da religião e seguidores da fé cristã. Eles buscam respostas sobre como sua ascensão influenciou na constituição da experiência religiosa cristã, ao longo de dois séculos.

1.2 CARACTERÍSTICAS DA IGREJA COORDENADA POR TIAGO, “O IRMÃO DO SENHOR” (IGREJA DA CIRCUNCISÃO)

A Igreja cristã de Jerusalém (Igreja-mãe), composta por judeu-cristãos, desempenhou papel decisivo para o cristianismo até a queda da cidade de Jerusalém em 70 d.C. Belarmino Bagatti (1975) a denominou de Igreja da circuncisão. As principais características da Igreja da circuncisão são: aliança da circuncisão, a observância da lei Mosaica e o Templo de Jerusalém. Todas essas características são frutos das experiências de fé dos primeiros cristãos que se encontravam na Palestina, na cidade de Jerusalém, após a morte de Jesus. Tais características foram acentuadas na liderança de Tiago, “o irmão do Senhor”. Eram vistos como uma seita judaica (Judeu-Cristãos da Palestina), pois a mentalidade era do judaísmo:

[...A mensagem de Cristo é entendida e vivida cada vez mais rigidamente, segundo a mentalidade do tardio judaísmo-palestinense de tipo farisaico-

rabínico: viva atenção aos tempos e lugares sagrados... uma teologia arcaica expressa nas categorias da angelologia e mediante um simbolismo rico e fantasioso; uma estrutura comunitária do tipo patriarcal... Assim, a primeira versão da mensagem cristã é o judeu-cristianismo ortodoxo, que se espalha não só pela Judéia e pela Galileia, mas também pela Samaria, por volta do ano 37, chegando muito cedo a Roma...]” (PIERINI, 1998, p. 53).

A premissa de Pierini é questionável, haja vista, posicionamento de vários autores, entres eles, Silva (2008, p. 62), o qual afirma que, nada se sabe das origens da comunidade cristã em Roma. Uma possibilidade é que os “romanos de passagem” (At 2,10) em Jerusalém deram o início à comunidade. Mas com a chegada dos cristãos gentios que estavam fora da Palestina, cresceu significativamente a comunidade cristã (Rm 1,5-6.13).

Não obstante, o relato de Pierini (1998) confirma o contido no Atos dos Apóstolos 21,20: “...milhares de judeus há que abraçaram a fé, e todos são zeladores da Lei” quer dizer que os judeu-cristãos continuam a prática religiosa do judaísmo, mas ao mesmo tempo, formam um grupo particular no seio do povo de Israel. Isto é, uma comunidade à parte.

Os judeu-cristãos eram homens patriotas e contrários à dominação estrangeira, por isso tiveram certa importância como grupo cristão em Jerusalém, antes da guerra judaica entre 66-70 (PIXLEY, 1995, p. 128). Provavelmente, alguns desses cristãos participaram de alguma ação violenta contra o domínio opressor. Eram observadores fiéis da lei (Moisés) e da tradição dos antigos, que acusa e condena (Mc 7,5; Gl 1,14). Ferreira (2012, p. 39) vai denominar este grupo de missionários judeu-cristãos: “eram cristãos que tiveram dificuldades de abandonarem a linha do judaísmo (lei do puro e do impuro, lei da circuncisão, lei do sábado e o templo).”

Todas essas práticas eram o centro da vida religiosa dos judeu-cristãos, sobretudo o Templo, pois encontramos em Atos 3,1; 5,25; 21,24-26 e 21,30-31 relatos que os apóstolos¹¹ (Pedro, João e Paulo¹²) faziam suas pregações, orações, sacrifícios e milagres no Templo. Ou seja, a vida religiosa pública dos apóstolos

¹¹ Palavra tirada do grego popular, que significa “enviado” ou “embaixador”, corresponde à dos assim chamados “enviados oficiais”, tão conhecidos no mundo Greco-romano e no judaico (PIERINI, 1995, p. 47). Também, na origem judaica significa “enviado”, no NT é utilizado para designar os Doze discípulos escolhido por Cristo (Mt 10, 2-5).

¹² “Paulo, apóstolo – não da parte dos homens nem por intermédio de um homem, mas por Jesus Cristo e Deus, Pai que o ressuscitou dentre os mortos” (Gl 2,1). Também: “Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo...” (Rm 1,1).

encontrava-se no Templo. Mas, devemos lembrar de que as sinagogas da diáspora foram, também, o ponto de partida para a evangelização cristã. Entretanto, os judeu-cristãos da diáspora (heleno-cristãos) eram simpatizantes da lei mosaica. Mas, é desse grupo que vão surgir as primeiras igrejas paulinas (MONDONI, 2014, p. 32)

Segundo Carlos Mesters y Francisco Orofino (1996, p. 33-38), os cristãos eram judeus convertidos, possuíam a simpatia do povo (At 2,47), formavam pequenas comunidades em torno das sinagogas, à margem do judaísmo oficial; evitavam contato com os estrangeiros (Gl 2, 11-13) e exigiam dos convertidos a observância da Lei de Moisés (At 15,5. 20-21; Gl 2,12). Provavelmente, alguns cristãos de Jerusalém eram sacerdotes judeus que se converteram (At 6,7). Em síntese, a igreja cristã de Jerusalém era composta de judeus que abraçaram a fé cristã (At 15,5).

Para Pixley (1995, p. 134), política e religião para os Judeus eram uma coisa só, não havia separação entre ambas. Consideravam Jesus como o Messias, o descendente do Rei Davi que nasceu para libertar o povo judeu da opressão. Jesus foi o escolhido para implantar o Reino de Deus (governar Israel conforme a lei). Essa é uma ideia que prevalece na narrativa de Lucas sobre Jesus e também nos Atos dos Apóstolos. Portanto, premissa básica dos judeu-cristãos de Jerusalém.

Na visão de Tiago, “o irmão do Senhor”, os primeiros cristãos da Palestina (Jerusalém) eram os verdadeiros apóstolos, pois eles conheceram e conviveram com Jesus. Esperavam a vinda gloriosa de Jesus para restaurar o reino de Israel, sobretudo aos doze, aos quais fora prometido o governo de Israel (Lc 22,29-30).

O autor da Carta de Tiago apresenta em sua missiva muitos pobres na comunidade. Isto nos ajuda a constatar que as condições sociais do povo daquela época não eram as melhores (Tg 2,2-9). Também, nos remete a uma reflexão de que a Igreja coordenada por Tiago, “o irmão do Senhor”, possuía preocupação, assistência e carinho para com os menos favorecidos. Percebemos também, na carta, um proponente de protesto social:

“¹Pois bem, agora vós, ricos, chorai e gemei por causa das desgraças que estão para vos sobrevir. ²vossa riqueza apodreceu e as vossas vestes estão carcomidas pelas traças. ³vosso ouro e a vossa prata estão enferrujados e a sua ferrugem testemunhará contra vós e devorará as vossas carnes. Entesourastes como que um fogo nos tempos do fim! ⁴Lembra-vos de que o salário, do qual privastes os trabalhadores que ceifaram os vossos campos, clama, e os gritos dos ceifeiros chegaram aos ouvidos do Senhor dos exércitos” (Tg 5,1-4).

Notamos que as condições sociais dos pobres mencionadas na Carta de Tiago podem ter como pano de fundo o contexto vivido na década de 60, período de várias tentativas de revoltas dos judeus. Talvez, neste contexto é que Tiago, “o irmão do Senhor”, recebeu o título de Justo. Em Tiago 2,11 vimos o justo em sua análise social e o justo contra os crimes de homicídio (PIXLEY, 1995, p. 144).

Os judeus de Jerusalém que se revoltaram contra o Império Romano, acirrando o conflito entre 66-70, foram aniquilados no ano 70, juntamente, com a destruição da cidade de Jerusalém e do Templo. Segundo Pixley (1995, p. 145), é bem provável que entre eles estivesse a igreja primitiva cristã de Jerusalém. Mondoni (2014, p. 32), nos leva a pensar que antes da destruição, um pequeno grupo de judeu-cristãos refugiou-se em Pela (*Pella*, transliteração do grego), na Decápole.

Para o nacionalismo judeu, que havia se tornado mais intenso e agressivo, entre 40 e 70, a queda de Jerusalém e do templo foi um golpe mortal na tentativa de restaurar Israel como uma grande nação. Também para os judeu-cristãos, em particular, houve um grande fracasso, na tentativa de manter a tradição judaica no seio do cristianismo.

1.3 DADOS RELEVANTES DA BIOGRAFIA DE PAULO, NA PERSPECTIVA DE COORDENADOR DA IGREJA DA FÉ

Ao longo da história do cristianismo, nestes dois mil anos de tradição, podemos crer que existe uma figura da igreja primitiva, que teve um destaque importante na expansão e na manutenção da experiência religiosa, iniciada por homens e mulheres da periferia da Palestina (Galiléia). Trata-se de Paulo, cujo encontro com o Ressuscitado, através das primeiras comunidades cristãs, lhe rendeu o título de Apóstolo das Nações. Paulo recebeu a missão de pregar o evangelho aos gentios existentes no Império Romano, conforme ele mesmo relata na Carta aos Romanos 1,1-5:

¹Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo, escolhido para o evangelho de Deus, ²que ele já tinha prometido por meio dos seus profetas nas Sagradas Escrituras, ³e que diz respeito a seu Filho, nascido da estirpe de Davi segundo a carne, ⁴estabelecido Filho de Deus com poder por sua ressurreição dos mortos, segundo o Espírito de santidade, Jesus Cristo

nosso Senhor, ⁵por quem recebemos a graça e a missão de pregar, para louvor do seu nome, a obediência da fé entre todas as nações.”

Com uma biografia ampla, resultante de muitas pesquisas em torno da sua vida e da sua fé. Paulo foi e ainda é objeto de estudos de teólogos, exegetas bíblicos, filósofos, psicólogos, sociólogos, antropólogos, pesquisadores da religião e outros. Entretanto, passados dois mil anos de sua vida, muitas histórias, hipóteses e biografias foram levantadas para justificar a sua mudança radical de vida. De perseguidor da Igreja cristã a perseguido por causa dela, e, cuja experiência o levou a ser considerado um dos maiores expoentes da Teologia da Cruz no mundo ocidental. Para Silva (2008, p. 20), a cruz é o centro da teologia paulina, pois apesar de ser motivo de escândalo (1Cor 1,23), ela passou a ser motivo de orgulho (Gl 6,14), e tornou-se princípio de salvação (1Cor 18-24) e de ressurreição (Fl 3,10-11).

Tendo em vista a amplitude e a diversidade de informações bibliográficas existentes sobre Paulo, em nossa pesquisa focamos, apenas, na perspectiva da Literatura Sagrada, especificamente no NT, alguns aspectos relevantes de sua biografia, sobretudo, na visão crítica. Evidentemente, isso não exclui os demais aspectos relevantes da vida de Paulo.

Para obter tais aspectos fomos procurar as informações dadas pelo próprio Paulo em suas cartas, que contêm informações autobiográficas. Também, informações de Atos dos Apóstolos, que requerem algumas reservas, visto ter sido redigido por alguém muito comprometido com a própria causa de Paulo¹³, além de ser uma construção teológica em forma histórica. (FERREIRA, 2001, p. 56). Nesse sentido, O'Connor (2015, p. 68) apresenta a premissa metodológica de John Knox: “em caso de conflito, deve ser dada prioridade às cartas, não aos Atos dos Apóstolos.” Fitzmyer (2015, p. 1476) critica esta posição de O'Connor (2015, p. 68), por ele tentar refutar as informações de Atos. Para Fitzmyer (2015, p. 1476) há certos relatos da vida e da cronologia de Paulo cuja única fonte é Atos. Mas, mesmo assim, dependendo do método exegético utilizado nas leituras das cartas, poderemos encontrar várias teologias paulinas. Portanto, vamos elaborar um paralelismo entre as cartas paulinas e Atos dos Apóstolos, para descobrirmos dados relevantes de sua biografia.

Na concepção de Silva (2008, p. 11-12), nas cartas de Paulo, chamadas de

¹³Lucas estava unido a Paulo por um laço estreito por ter sido seu companheiro de viagem e dos perigos de viajar (PIXLEY, 1995, p. 133).

autênticas (1Ts, Gl, 1 e 2 Cor, Rm, Fl e Fm), percebemos um Paulo teólogo. Entretanto, as cartas denominadas deuteropaulinas (Ef, Cl e talvez 2 Ts) apresentam um Paulo eclesiológico. Diferente também, nas cartas de 1 e 2 Tm e Tt, que mostram um Paulo, mais pastoral.

Analisando o nome do apóstolo que aparece nas cartas e nos Atos dos Apóstolos, qual seria o seu nome verdadeiro? *Saulos* em hebraico (que significa “pedido” de lahweh), *Paulos* (em grego, codnome romano (nome de família), ou *Paulus* (em latim, que significa “pequeno”, “insignificante”). Joseph A. Fitzmyer (2015, p. 1476) traz especulações sobre o nome. Uma delas é que os judeus daquela época tinham dois nomes, os quais eram escolhidos por sua semelhança de som. Então, é possível que ele chamasse *Paulos* desde seu nascimento e *Saoul* usado no meio judaico. Porém, em suas cartas ele chama a si mesmo de *Paulos* (Paulo). Não obstante, Atos dos Apóstolos (7,58; 8,1.3; 9,1; 13,9) apresenta uma transição de antes da conversão, Saulo, para pós conversão, Paulo. Mas segundo o autor não há evidências para tal mudança.

Para nos situarmos melhor, na linha de tempo do cristianismo, utilizaremos a cronologia de Paulo, relatada resumidamente, por O’Connor (2015, p. 24/46), fruto de análises e cálculos pesquisados nas cartas e confrontados com o testemunho dos Atos dos Apóstolos:

Nascimento	6 a.C
Conversão	33 d.C
Arábia	34
Damasco	34-37
Jerusalém (1ª visita)	37
Síria e Cílicia	37-?
Antioquia	inverno de 45-46
Partida de Antioquia	abril de 46
Viagem à Galácia	abril-setembro de 46
Ministério na Galácia	setembro de 46-maio de 48
Viagem à Macedônia	verão de 48
Ministério na Macedônia	setembro de 48-abril de 50
Viagem a Corinto	abril de 50
Ministério em Corinto	abril de 50-setembro de 51
Jerusalém (2ª visita)	setembro de 51
Assembleia em Jerusalém	outubro de 51
Antioquia	inverno 51-52
Viagem a Éfeso	abril-junho de 52

Éfeso	agosto 52-outubro de 54
Macedônia	inverno 54-55
Ilíria	verão de 55
Corinto	inverno de 55-56
Viagem a Jerusalém	verão de 56
Jerusalém-Cesareia	57?-61?
Viagem a Roma	setembro de 61-primavera de 62
Roma	primavera de 62-primavera de 64
Espanha	início do verão de 64
Ao redor do Egeu	64-66?
Morte em Roma	67

Os Atos dos Apóstolos relatam que Saulo¹⁴ tem como terra natal Tarso, uma cidade na Ásia menor (At 9,11; 21,39; e 22,3). Entretanto, Paulo em suas cartas, nunca mencionou que vinha de Tarso. Ao invés disso, ele fornece a informação sobre suas origens conforme menciona em sua carta aos Fl 3,5-6: “circuncidado ao oitavo dia, da raça de Israel da tribo de Benjamim, hebreu, filho de hebreus. Segundo a Lei fariseu. No zelo, perseguidor da Igreja. Pela justiça da lei, irrepreensível”; e também em Romanos 11,1 ele diz: “Pois eu mesmo sou israelita, descendente de Abraão, da tribo de Benjamim”. Isso nos mostra que Paulo não se mostrava ansioso em comunicar aos destinatários de suas cartas, que ele vinha de algum lugar tão remoto como Tarso.

Atos dos Apóstolos 22,3 menciona que Saulo deixou Tarso e veio para a terra de Israel, onde estudou na academia para fariseus de Gamaliel. Mas vale a pena ressaltar que Paulo, em suas cartas, nunca mencionou nada sobre esse mestre. Segundo os relatos contidos em Atos dos Apóstolos (5,34), Gamaliel, doutor da Lei, era uma figura respeitadíssima nos escritos rabínicos, tais como a Mishna ("repetição"). Saulo possuía títulos como líder, sábio de seu tempo, bem como, pertencia ao partido (grupo) dos fariseus¹⁵ e de tradição benjaminita (Fl 3,5). Era um rabi treinado e educado em todas as complicações dos comentários rabínicos sobre as escrituras e as tradições da Lei (atestado pelo próprio Novo Testamento). Também, em Gálatas 1,14, Paulo descreve que em sua juventude se orgulhava de

¹⁴ Saulo, filho de um próspero fabricante de tendas, nasceu numa comunidade de Judeus, em Tarso, capital da Cilícia (sul da atual Turquia). (TUFFANI, 2001, p. 146)

¹⁵ Grupo de judeus fiéis observantes da Lei (regras alimentares e festas), mas com interesse político, profundamente envolvido nos conflitos do período hasmoneu. Flavio Josefo menciona este grupo nas suas três obras: *Guerra Judaica* (publicada em 75-79 d.C), *Antiguidades Judaicas* (publicada em 93-94) e *Vida ou Autobiografia* (publicada em 95 d.C), (O'CONNOR, 2015, p. 69-70).

pertencer ao grupo dos fariseus: “e como progredia no judaísmo mais do que muitos compatriotas da minha idade, distinguindo-me no zelo pelas tradições paternas”. Portanto, tudo indica que Paulo, no período formativo de sua vida (dos 15 a 20 anos), provavelmente teria frequentado a sinagoga de Tarso (O’CONNOR, 2015, p. 64).

Silva (2008, p. 13) apresenta algumas características de Paulo: “personalidade forte, vontade férrea, inteligência aguda, liderança incontestável e habilidade literária”. Tais características estão explícitas e/ou implícitas na literatura paulina.

Paulo, certamente possuía um grau elevado de educação e cultura, a julgar por suas cartas, não só na língua Grega, literatura e retórica. Isso pode ter envolvido um treinamento rigoroso na leitura e interpretação das escrituras judaicas, pois constantemente, referia-se a esta literatura em suas cartas, usando-a como argumentos para a nova religião cristã. Era polido nos métodos exegéticos de interpretação, típico de professores judeus. Isso significa que Saulo vivia na convergência das duas maiores tradições intelectuais do seu tempo (*Hilel e Shamai*), que ele estava perfeitamente preparado para engajar-se em discussões sobre questões bíblicas e sociais.

Segundo O’Connor (2015, p. 64), a posição social de Paulo leva-nos a crer que ele era formado nas técnicas mencionadas. Com certeza, possuía habilidades para grandes discursos, facilidade para a redação de cartas, perspicácia em estudar os discursos dos grandes oradores e as técnicas por eles utilizadas. Paulo deve ter praticado a redação de discursos, nos mais variados temas. Porém, ele próprio quer negar: “sem recorrer à sabedoria do discurso” (1Cor 1,17).

A hostilidade de Saulo contra as primeiras comunidades cristãs é perfeitamente compreensível, pois a solução cristã para os problemas dos gentios enfrenta sua própria posição e ameaça a integridade da missão das sinagogas¹⁶ da diáspora.

Atos dos Apóstolos 7,55-58, mostra que Saulo esteve envolvido na morte de Estevão (início da Igreja Helenista). Ele estava "devastando a Igreja, entrando nas

¹⁶ As sinagogas não figuram na literatura do AT, e há uma grande diversidade de opiniões sobre quando elas começaram a existir. Conforme a raiz grega de seu nome indica (*syn*="com"; *agein*=guiar, conduzir) elas eram casas de reunião, lugares onde o povo se reunia não para sacrifício, mas para oração, leitura devota, meditação e instrução (CASTELOT; CODY, 2015, p. 1353).

casas; e, arrastando homens e mulheres os entregavam à prisão" (At 8,3). Não se percebe, entretanto, sob que autoridade ou a mando de quem ele estava desenvolvendo essa perseguição. Certamente, não poderia ser resultado de uma ação meramente individual de sua parte, pois enviar pessoas para a prisão isso só poderia ser feito de alguma forma oficial. Saulo deveria estar agindo em nome de alguma autoridade. Qual era essa autoridade? Segundo informações de incidentes posteriores, também relatadas nos Atos dos Apóstolos, Saulo estava agindo em nome do Sumo Sacerdote (At 9,1).

Ainda jovem, Saulo recebeu autorização oficial para dirigir uma perseguição contra os cristãos, na qualidade de membro de uma sinagoga ou concílio do sinédrio, conforme descreve Atos dos Apóstolos 26,10: "e assim procedi em Jerusalém. Havendo eu recebido autorização dos principais sacerdotes, encerrei muitos dos santos nas prisões; e contra estes dava o meu voto, quando os matavam" e Atos dos Apóstolos 26,12: "Com estes intuitos, parti para Damasco, levando autorização dos principais sacerdotes e por eles comissionado".

Tendo em vista avanço na educação formal no judaísmo com uma preeminência precocidade (Gl 1,14), supomos que sua família desfrutava de alguma posição político-social. O acesso do sobrinho de Paulo entre os líderes de Jerusalém (At 23,16-20) parece favorecer essa suposição. Entretanto, verificando o cenário político e religioso daquele tempo, na Judéia, fica claro que o Sumo Sacerdote não era um fariseu, mas um saduceu. Os saduceus eram severos opositores dos fariseus.

Portanto, esse quadro de Saulo, oferecido nas fontes do Novo Testamento, nos dias que antecederam sua conversão a Jesus, é contraditório e suspeito. O'Connor (2015, p. 23), fundamentado em Gálatas 1,16-17, diz que Paulo passou em Damasco (em 33 d.C, aproximadamente), e depois foi para Arábia (33-34 d.C, aproximadamente). Depois retornou para Damasco, onde permaneceu três anos, (33-37 d.C, aproximadamente).

Partindo da pesquisa de O'Connor (2015, p. 24), e das expressões de Paulo em suas cartas, sua conversão (seu encontro pessoal com o ressuscitado), se deu, provavelmente, por volta do ano 33 d.C, antes de sua ida para Arábia e foi de uma forma radical. Paulo teria, talvez, trinta e poucos anos.

Paulo descreve seu encontro como uma revelação de Deus, dizendo que Jesus era o seu filho, como uma convocação para levar sua mensagem aos gentios:

“Quando, porém, aquele que me separou desde o seio materno e me chamou por sua graça, houve por bem revelar em mim o seu Filho, para que eu o evangelizasse entre os gentios, não consultei carne nem sangue”. (Gl 1,15-16)

Segundo o artigo “2000 anos do mito cristão”, sustentada na pesquisa efetuada por Burton L. Marck,¹⁷ não passa de uma ficção e lenda, o relato da luz brilhante que derrubou Paulo no caminho de Damasco (At 9,1-31; 22, 6-11). Escrito por Lucas, cerca de 50 anos após o evento, que acabou por tornar-se visão tradicional da conversão de Paulo, através de seu encontro com o Jesus ressuscitado. Se quisermos saber o que o próprio Paulo pensava sobre esta revelação e seus efeitos, devemos prestar atenção aos seus próprios relatos. De acordo com Paulo ele esperou catorze anos depois de receber esta revelação, para fazer uma visita às "colunas" de Jerusalém (Tiago, Pedro e João). Provavelmente em 51 d.C.

Paulo fez essa viagem, diz ele, com o propósito de: "colocar perante eles o evangelho que prego entre os gentios, para, de algum modo, não correr ou ter corrido em vão" (Gl 2,1-2). Isto quer parecer-nos, que Paulo ainda estava ativamente engajado em debates ideológicos sobre seu evangelho com os gentios. Parece ser essa a certeza de quem obteve uma revelação do próprio Deus ou as dúvidas de alguém que está ainda meditando sobre a forma de pregar o evangelho e, até mesmo como enfrentar os discípulos.

Fitzmyer (2015, p. 1484-88), apoiado nos relatos dos Atos dos Apóstolos, afirma que Paulo realiza quatro grandes viagens (Grécia, Ásia Menor, Síria e Roma), no período de 46 a 58 d.C, anunciando Jesus Cristo como filho de Deus. Na verdade, o autor a chama de missão de evangelização.

Na primeira missão, entre 46-49 d.C., narrada apenas em At 13,3-14,28, Paulo estava com Barnabé e João Marcos. Mas, tudo indica que Paulo era uma espécie de assistente de Barnabé. Eles partiram de Antioquia para Chipre, desembarcando em Salamina. Percorreram toda a ilha até chegarem a Pafos, na costa sudoeste. Nesse lugar, despertaram a atenção de Sérgio Paulo, procônsul romano. Saiu-lhes ao encontro um feiticeiro chamado Barjesus, também conhecido por Elimas o mago, que se opoñdo a Paulo procurava desviar a atenção do procônsul (At 13, 6-7). Paulo resistiu-lhe indignado e repreendeu-o severamente,

¹⁷ Professor na School of theology at Claremont (EUA).

ferindo-o temporariamente com cegueira. O Resultado disso foi a conversão de Sérgio Paulo (At 13,7-12).

Partindo de Chipre navegaram para a Ásia Menor e chegaram a Perge, na Panfília. Ali Marcos, por motivos ignorados, deixou seus companheiros e regressou a Jerusalém. Os dois, Paulo e Barnabé, saíram de Perge, rumo ao norte, passando por Frígia e indo até Antioquia da Pisídia. Ali as pessoas da cidade, incitadas pelos judeus, levantaram-se contra Paulo e Barnabé e os expulsaram (At 13,50). De Antioquia passaram a Icônio, outra cidade da Frígia, onde uma copiosa multidão de judeus e gregos foi convertida (At 13,51). Por causa da perseguição dos judeus, partiram de Icônio para Listra e Derbe, cidades da Licaônia (At 14,1-7).

Por volta do ano 50 a 52 d.C, Paulo propôs a Barnabé uma segunda viagem missionária (At 15,16), mas o apóstolo não queria que João Marcos fosse com eles, o que provocou a separação dos dois grandes missionários da Igreja primitiva. Quem acompanhou Paulo foi Silas.

Nessa viagem, primeiro visitaram as igrejas da Síria e da Cilícia, depois passaram para os lados do Norte, atravessaram as montanhas do Tauro e passaram nas igrejas que Paulo havia fundado, na sua primeira viagem.

Foram a Derbe e a Listra. Nesta última cidade Timóteo juntou-se a eles. De Listra foram para Icônio e Antioquia da Pisídia. Após alguns "impedimentos" do Espírito Santo (At 16, 6-7), desceram a Trôade, onde Paulo teve a visão do varão macedônio. Obedecendo a este chamado, os missionários foram, juntamente, com Lucas, para a Europa. Desembarcando em Neápolis, seguiram logo para a importante cidade de Filipos. De Filipos, onde Lucas ficou, Paulo, Silas e Timóteo foram para Tessalônica, lugar em que alcançaram grandes resultados entre os gentios, fundando ali uma igreja (At 17,1-9).

Por causa da perseguição dos judeus, os irmãos enviaram Paulo para a Beréia, desse lugar seguiu para Atenas (At 17,10-15). Depois partiu para Corinto, onde ficou dezoito meses e, ao contrário de Atenas, os resultados foram admiráveis (At 18,1-11). A missão de Paulo em Corinto foi uma das mais frutíferas da história da Igreja Primitiva. De Corinto foi para Éfeso, ficando pouco tempo, seguiu para Cesareia, indo apressadamente para Jerusalém. Havendo saudado a igreja dessa cidade, voltou a Antioquia, de onde havia partido (At 18,22).

Paulo, depois de algum tempo na Antioquia, deu início a sua terceira viagem missionária (talvez no ano 54 a 58 d.C). Primeiro atravessou a região da Galácia e

da Frígia, a fim de fortalecer os discípulos (At 18,23); depois vai a Éfeso, capital da Ásia. Paulo permaneceu três anos em Éfeso (At 20,31). Durante três meses ensinou na sinagoga e, depois, durante dois anos na escola de Tirano (At 19, 8-10). De Éfeso partiu para a Macedônia e depois de fortalecer os discípulos com muitas exortações, viajou para a Grécia, onde permaneceu três meses (At 20, 12).

Da Grécia, Paulo retornou a Jerusalém, acompanhado de amigos, representantes das várias igrejas dos gentios (At 20,4). Seu plano inicial era navegar diretamente para a Síria, mas uma conspiração dos judeus o obrigou a voltar pela Macedônia (At 20,3). Demorou-se em Filipos enquanto seus companheiros foram para Trôade. Depois da festa da páscoa Paulo foi com Lucas para Trôade (At 20,5), onde os companheiros os esperavam e ali ficaram uma semana (At 20,6). De Trôade Paulo viajou para Assos (At 20,13). Após uma rápida passagem por Mitilene e Samos, Paulo e mais alguns amigos chegaram a Mileto (At 20,14-15).

Partindo de Mileto o navio seguiu diretamente para a ilha de Cós e no dia seguinte chegaram a Rodes. De Rodes passaram a Pátara, nas costas da Lícia (At 21,1). Achando um navio que ia para a Fenícia embarcaram, e seguindo viagem passaram por Chipre, desembarcando em Tiro (At 21, 2-3). De Tiro partiram para Ptolemaida (At 21,5-6) e no dia seguinte chegaram a Cesaréia. Assim, acompanhado dos irmãos, terminou a terceira viagem missionária (At 21,12-5).

Depois dessa viagem, Paulo foi para Jerusalém pela última vez, aproximadamente em 58, o que acabou resultando em sua prisão por um longo tempo. Antes, porém, na cidade santa, Paulo e seus companheiros visitaram Tiago, "o irmão do Senhor", juntamente, com os anciãos da Igreja cristã de Jerusalém (At 21,18), causando uma preocupação a Tiago, quanto a distúrbios entre os judeu-cristãos e o grupo de Paulo.

A quarta viagem (denominada outras "viagens") deu-se no período de 60 a 64 para Roma. Escrevendo aos crentes de Roma, Paulo observa que durante anos se esforçou em pregar o evangelho:

"¹⁹pela força de sinais e prodígios, na força do Espírito de Deus: como, desde Jerusalém e circunvizinhanças, até a Ilíria" (Rm15,19). "²³Mas agora, não tendo já campo de atividade nestas regiões, e desejando há muito visitar-vos, ²⁴penso em fazê-lo quando em viagem para a Espanha, pois espero que de passagem estarei convosco e que para lá seja por vós encaminhado, depois de haver primeiro desfrutado um pouco a vossa companhia" (Rm 15, 23-24).

Carlos Del Pino (1993, p. 58) comenta que em Romanos 15,22-24 todo esforço e o investimento de vida do apóstolo durante anos naquelas regiões o levaram a atitudes específicas, em relação aos romanos. Seu objetivo final era chegar à Espanha. Esse objetivo reflete o esforço de Paulo (Rm 15,20) e sua vocação (Rm 15,21). Ele pretendia chegar à Espanha para ali continuar desenvolvendo o seu ministério, "de passagem" por Roma (Rm 15,24), ele esperava ir à Espanha, enviado pela igreja de Roma. Quando Paulo diz no v. 24: "para lá seja por vós encaminhado", ele não apenas tinha em mente, mas estava claramente dizendo as coisas necessárias para a sua viagem e subsistência lá (DEL PINO, 1993, p. 59).

Paulo chegou a Roma por volta do ano 61 d.C como prisioneiro (At 27 e 28). Lucas relata que "por dois anos permaneceu Paulo na sua própria casa que alugara" (At 28,30) com toda liberdade de receber a todos que o procuravam e de pregar o evangelho (At 28,30-31). Para quem pretendia apenas passar por Roma, e livre; dois anos preso, era tempo demais. Após esta sua primeira prisão (domiciliar), o apóstolo, entre outras viagens, provavelmente tenha chegado à Espanha (DEL PINO, 1993, p. 59). Não obstante, alguns pesquisadores biblistas paulinos questionam essa possibilidade.

Quanto ao fim da vida de Paulo, Atos dos Apóstolos não menciona e nem sugere que Paulo tenha morrido após a prisão em Roma. O autor do livro de Atos apenas termina o livro fazendo um breve relato de sua prisão. Também, não menciona nada sobre a ida de Paulo à Espanha, conforme era o seu desejo (Rm 15,24).

Segundo Fabris (2001, p. 642-643), a carta de Clemente Romano¹⁸, escrita no final do século I (96-98 d.C.) é o primeiro testemunho da morte de Paulo em Roma.

Entretanto, Pixley (1995, p. 131), salienta que Paulo e Pedro foram martirizados em Roma (64), época do Imperador Nero, fundamentado em Dionísio de Corinto e Eusébio (*HE* 2.22.3). Não obstante, Tertuliano (*De Praescer*, 36) "compara a morte de Paulo à de João Batista, por decapitação". Para os estudiosos de Paulo, na atualidade, a ideia de Eusébio é amplamente aceita.

Discordando da data do martírio, mas concordando com a sugestão de

Eusébio, O'Connor (2015, p. 373) diz que: “Os martírios dos dois apóstolos são apresentados de tal maneira nos *Atos de Pedro* e *Atos de Paulo*, do século II, que a inferência natural é que morreram em épocas diferentes”. Paulo, provavelmente em 67, perto do final da perseguição de Nero.

Quanto ao local de sepultamento de Paulo, Fitzmyer (2015, p. 1490) diz inicialmente que Paulo foi sepultado na *Via Ostiensis*, próximo ao lugar da moderna Basílica de *San Paolo fuori Le Mura*, em Roma, construída por Constantino.

1.4 CARACTERÍSTICAS DA IGREJA COORDENADA POR PAULO (IGREJA DA FÉ)

A Igreja liderada por Paulo foi praticada fora da Palestina, isto é, fora do reduto do cristianismo de Jerusalém. O que nos dá uma ideia de que era um cristianismo voltado para o estrangeiro (pagãos), principalmente para que o evangelho chegasse à Grécia e à Roma (FERREIRA, 2001, p. 56). A premissa cristológica básica desse modelo de igreja é a fé em Jesus Cristo (Rm 3,21-26):

- 1) Paulo apresenta a mensagem do Cristo ressuscitado (divino, celestial). Em Gálatas, afirma que seu evangelho procede de Deus: “Com efeito, eu vos faço saber, irmãos, que o evangelho por mim anunciado não é segundo o homem, pois eu não o recebi nem aprendi de algum homem, mas por revelação de Jesus Cristo” (1,11-12). A grande missão de Paulo é a evangelização dos gentios. “Do qual Paulo se orgulha de ser apóstolo.” (SILVA, 2008, p. 68). Como consequência, dessa evangelização, houve uma abertura do evangelho de Jesus Cristo a todos os povos e de diferentes regiões (Ásia menor, Panfídia, Galácia, Éfeso etc...). “Deus não faz acepção de pessoas” (Gl 2,6). Paulo apresenta uma doutrina cristã aberta ao mundo, para fora da Judéia, tendo como pano de fundo uma teologia inclusiva (GONÇALVES, 2000, p. 62-69), ou seja, que tem espaço para todas as pessoas;
- 2) Paulo apresenta Jesus sob o nome grego Cristo (ungido), o mesmo significado de Messias (Hebraico). Talvez Paulo quisesse dar o mesmo valor, por isso buscou no grego uma palavra que representasse o poder e a glória do Senhor Jesus Cristo. Não obstante, apresenta o cristão como sendo uma pessoa livre do

¹⁸ O autor da carta é identificado como colaborador de Paulo, conforme Fl 4,3.

pecado, pois pelo seu amor, Cristo acolhe e perdoa (Rm 8,1-4);

- 3) Para Paulo, a lei era obsoleta. Não exigia a observância da lei e nem a circuncisão para os pagãos (Gl 2,6), esta era a principal característica da Igreja coordenada por Paulo;
- 4) Outra característica relevante na Igreja coordenada por Paulo era que as comunidades surgiam ao redor das casas (*oikos*), nas periferias das grandes cidades da Ásia e da Europa. “Ao concentrar suas atividades religiosas nas casas, o apóstolo promove o ambiente da liderança feminina” (SILVA, 2008, p. 49);
- 5) Paulo não evangelizava sozinho, pois contava com apoio de vários missionários (Apolo, Barnabé, Timóteo, Silvano, etc), inclusive várias mulheres (At 16, 14-15) e vários casais, como exemplo: Priscila e Áquila (At 18,26);
- 6) Outro fator importante na Igreja coordenada por Paulo era a atuação das mulheres, principalmente nas casas (igrejas domésticas). Como exemplo de atuação temos: Lídia, em Filipos (At 16,14-15); Ninfa, em Laodicéia (Cl 4,15); Febe, diaconisa da comunidade de Cencrécia (Rm 16,1.2); Maria (Rm 16,6); várias outras mulheres (Rm 16,12-15); mulheres discípulas (At 9,36); mulher colaboradora de Jesus Cristo (Rm 16,3) e companheira ou apóstola (Rm 16,7);
- 7) A Igreja coordenada por Paulo, retratada em suas Cartas, demonstra um sistema social, econômico e político injusto, pois, em seus relatos temos: pessoas da periferia (1Cor 1,26) e escravos (1Cor 12,13; Ef 6,5; Cl 3,22; 1Tm 6,1);
- 8) Entretanto, a grande marca da Igreja coordenada por Paulo era a justificação pela fé em Jesus Cristo. Suas premissas encontram-se em Gl 2,15-16:

“¹⁵Nós somos judeus de nascimento e não pecadores da gentilidade; ¹⁶sabendo, entretanto que o homem não se justifica pelas obras da Lei, mas pela fé em Cristo, nós também cremos em Cristo Jesus para sermos justificados pela fé em Cristo e não pelas obras da Lei, porque pelas obras da Lei ninguém será justificado”.

E também em Rm 1,16-17:

“¹⁶Na verdade, eu não me envergonho do evangelho: ele é força de Deus para a salvação de todo aquele que crê, em primeiro lugar do Judeu, mas também do grego. ¹⁷Porque nele a justiça de Deus se revela da fé para a fé, conforme está escrito: o justo viverá da fé”.

- 9) Outra característica da Igreja coordenada por Paulo é a liberdade cristã, que encontramos nos textos de Gálatas 2,1-14 e 5,1-26, neste último capítulo,

destacando os versículos de 1 a 6, que demonstram que Cristo nos resgatou para a liberdade;

10) Em Gálatas, Paulo nos mostra que o amor (5,6) e a liberdade (5,13) são frutos do Espírito Santo (5,22-25) que representam vida nova:

”¹Portanto, não existe mais condenação para aqueles que estão em Cristo Jesus. ²A Lei do Espírito da vida em Cristo Jesus te libertou da lei do pecado e da morte. ³De fato, uma coisa impossível à Lei, porque enfraquecida pela carne, Deus enviando o seu próprio Filho numa carne semelhante à ⁴do pecado da Lei se cumprisse em nós que não vivemos segundo a carne, mas segundo o espírito”. (Rm 8,1-4)

Também, na concepção de Moacir Casagrande (2012, p. 72):

Cristo nos libertou da escravidão da lei, da morte e do pecado. Assim, nem a lei, nem o pecado, nem a morte tem poder sobre o cristão, a pessoa verdadeiramente livre é capaz de enfrentar e vencer tudo isso. Isso só é possível para quem se uniu profundamente a Jesus Cristo e vive no caminho dele.

Corroborando com essa ideia, O’Connor (2015, p. 9) afirma que Paulo utilizou-se desse espírito de liberdade para evangelizar a Ásia Menor e a Grécia. E também, a Igreja de Antioquia. Porém, essa igreja, mais tarde, no avançar do cristianismo, alinhou-se com a Igreja de Jerusalém, coordenada por Tiago, “o irmão do Senhor”, sobre a observância da Lei, pondo em perigo o cristianismo pagão.

Em resumo, podemos dizer que Paulo foi o principal defensor da liberdade dos pagãos (étnico-cristãos), que a muito custo, após, aproximadamente cinco a seis anos, fez prevalecer a liberdade dos pagãos e sua fé pessoal em Jesus Cristo. Entretanto, como representante de um grupo cristão, enfrentou outros grupos da linha conservadora do cristianismo de Jerusalém, que se opunham a sua prática pastoral e sua evangelização, causando assim, muitas controvérsias. Por isso, no capítulo II, a seguir, faremos uma análise da controvérsia discutida na Assembleia de Jerusalém, onde debateram sobre a circuncisão para os novos cristãos vindos do paganismo.

CAPÍTULO II – A CONTROVÉRSIA DISCUTIDA

Neste capítulo vamos analisar a controvérsia discutida na Assembleia de Jerusalém relatada em Gálatas (2,1-10) e Atos dos Apóstolos (15,1-35). A pauta da reunião, sem nenhuma dúvida, é o selo da circuncisão imposta pelos fiéis cristãos de origem judaica aos novos fiéis cristãos de origem pagã. Tal problema tornou-se principal motivo de conflito entre a Igreja da Circuncisão, coordenada por Tiago, “o irmão do Senhor” e a Igreja da Fé, coordenada por Paulo.

2.1 O RELATO DA ASSEMBLEIA DE JERUSALÉM EM At (15,1-35)¹⁹

¹Entretanto, haviam descido alguns da Judéia e começaram a ensinar aos irmãos: "Se não vos circuncidardes segundo a norma de Moisés, não podereis salvar-vos". ²Surgindo daí uma agitação e tornando-se veemente a discussão de Paulo e Barnabé com eles, decidiu-se que Paulo e Barnabé e alguns outros dos seus subiriam a Jerusalém, aos apóstolos e anciãos, para tratar do problema. Eles, ³despedidos afavelmente pela Igreja, atravessaram a Fenícia e a Samaria, narrando a conversão dos gentios e causando grande alegria a todos os irmãos. ⁴Chegados a Jerusalém, foram acolhidos pela Igreja, pelos apóstolos e anciãos, e relataram tudo o que Deus fizera junto com eles.

⁵Então, alguns dos que tinham sido da seita dos fariseus, mas haviam abraçado a fé, intervieram: diziam que era preciso circuncidar os gentios e prescrever-lhes que observassem a Lei de Moisés. ⁶Reuniram-se então os apóstolos e os anciãos para examinarem o problema. ⁷Tornando-se acesa a discussão, levantou-se Pedro e disse: "Irmãos, vós sabeis que, desde os primeiros dias, aprouve a Deus, entre vós, que por minha boca ouvissem os gentios a palavra da Boa Nova e abraçassem a fé. ⁸Ora, o conhecedor dos corações, que é Deus, deu testemunho em favor deles, concedendo-lhes o Espírito Santo assim como a nós. ⁹Não fez distinção alguma entre nós e eles, purificando seus corações pela fé. ¹⁰Agora, pois, por que tentais a Deus, impondo ao pescoço dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem mesmo nós pudemos suportar? ¹¹Ao contrário, é pela graça do Senhor Jesus que nós cremos ser salvos, da mesma forma que eles". ¹²Então, toda a assembleia silenciou. E passaram a ouvir Barnabé e Paulo narrando quantos sinais e prodígios Deus operara entre os gentios por meio deles.

¹³Quando cessaram de falar, Tiago tomou a palavra, dizendo: "Irmãos, escutai-me. ¹⁴Simeão acaba de expor-nos como Deus se dignou, primeiro, escolher dentre os gentios um povo dedicado ao seu Nome. ¹⁵Com isto concordam as palavras dos profetas, segundo o que está escrito: ¹⁶Depois disto voltarei e reedificarei a tenda arruinada de Davi, reconstruirei as suas ruínas e a reerguerei. ¹⁷Então o resto dos homens procurará o Senhor, assim como todas as nações dedicadas ao meu Nome, diz o Senhor que faz estas coisas ¹⁸conhecidas desde sempre. ¹⁹Eis porque, pessoalmente, julgo que não se devam molestar aqueles que, dentre os gentios, se convertem a Deus. ²⁰Mas se lhes escreva que se abstenham do que está contaminado pelos ídolos, das uniões ilegítimas, das carnes sufocadas e do sangue.

²¹Com efeito, desde antigas gerações tem Moisés em cada cidade os seus

¹⁹ Tradução da Bíblia de Jerusalém.

pregadores, que o lêem nas sinagogas todos os sábados".

²²Então pareceu bem aos apóstolos e anciãos, de acordo com toda a Igreja, escolher alguns dentre os seus e enviá-los a Antioquia, junto com Paulo e Barnabé. Foram Judas, cognominado Bársabas, e Silas, homens considerados entre os irmãos. ²³Por seu intermédio, assim escreveram: "Os apóstolos e os anciãos, vossos irmãos, aos irmãos dentre os gentios que moram em Antioquia, na Síria e na Cilícia, saudações! ²⁴Tendo sabido que alguns dos nossos, sem mandato de nossa parte, saindo até vós, perturbaram-vos, transtornando vossas almas com suas palavras, ²⁵pareceu-nos bem, chegados a pleno acordo, escolher alguns representantes e enviá-los a vós junto com nossos diletos Barnabé e Paulo, ²⁶homens que expuseram suas vidas pelo nome de nosso Senhor, Jesus Cristo. ²⁷Nós vos enviamos, pois, Judas e Silas, eles também transmitindo, de viva voz, estas mesmas coisas. ²⁸De fato, pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor nenhum outro peso além destas coisas necessárias: ²⁹que vos abstenhais das carnes imoladas aos ídolos, do sangue, das carnes sufocadas, e das uniões ilegítimas. Fareis bem preservando-vos destas coisas. Passai bem". A delegação a Antioquia —³⁰Tendo-se despedido, os enviados desceram a Antioquia, onde reuniram a assembleia e entregaram a carta. ³¹Feita a sua leitura, alegraram-se pelo consolo que trazia. ³²Entretanto, Judas e Silas, que também eram profetas, falando longamente, exortaram e fortaleceram os irmãos. ³³Passando algum tempo, estes despediram-nos em paz, de volta aos que os tinham enviado. ³⁴/ ³⁵Paulo e Barnabé, porém, continuaram em Antioquia, onde, com muitos outros, ensinavam e anunciavam a Boa Nova, a palavra do Senhor."

2.1.1 Exegese teológica bíblica dos vv.1-3²⁰

Após a transcrição do relato da Assembléia de Jerusalém em Atos dos Apóstolos (15,1-35), queremos realizar a exegese teológica bíblica, somente dos vv. 1-3. Antes, porém, salientamos que segundo Ferreira (2011, p. 49-50) "existiram e existem vários sistemas de interpretação, mas nenhum se apropriou 'totalmente' do sentido da Bíblia. De fato, conforme a situação histórica ou a época privilegia-se um modo de interpretação".

Quanto ao modo de interpretação, Ferreira (2011, p. 50) traz na nota de rodapé n. 67:

Comblin observa que nos cristianismos originários, os evangelistas tinham suas interpretações na compreensão do Antigo Testamento e, por vezes, não coincidiam na visão hermenêutica. Paulo, então, tinha um sistema bem próprio. Agostinho tinha seu modo de interpretar e, mais tarde, o grupo de Tomás criou um outro modo. Lutero criou o seu. O fato é que hoje nós não usamos os seus modos de interpretação. Os métodos críticos do século XIX criados pelos liberais ajudaram muito, porém não satisfazem totalmente nos dias de hoje.

Na perspectiva da crítica moderna, há um entendimento de que a primeira

²⁰ Far-se-á a exegese de apenas desses versículos, haja vista, a objetivação no problema da circuncisão.

tarefa da exegese é demonstrar as situações descritas nos textos, ou seja, redescobrir o passado bíblico de tal modo que o que foi narrado nos textos, se torne transparente e compreensível para os dias atuais, além de apresentar as circunstâncias e as culturas diferentes (WEGNER, *apud* LIMA, 2017, p. 44).

A segunda tarefa da exegese é permitir o conhecimento da intenção do texto em sua origem. A terceira tarefa é verificar em que sentido opções éticas e doutrinárias do texto pode ser respaldado e, portanto, reafirmadas as informações ou se devem ser revistas e relativizadas (WEGNER, *apud* LIMA, 2017, p. 44).

Portanto, na premissa de Wegner (2002, 2002, p. 11-23) para seguir os passos exegéticos da crítica moderna, teríamos que levar em conta as questões referentes à tradução, a crítica textual, a análise literária, a análise da redação e das formas, e também, análise do conteúdo. Porém, optamos pela perspectiva de que os estudiosos bíblicos e exegetas, cada um, têm seus métodos e procedimentos próprios para a análise de textos, conforme salientamos anteriormente. Por isso, vamos elaborar uma exegese teológica bíblica, tendo como referencial teórico: Comblin (2012), Kistemaker (2006) e Dillon (2015).

¹Entretanto, haviam descido alguns da Judéia e começaram a ensinar aos irmãos: "Se não vos circuncidardes segundo a norma de Moisés, não podereis salvar-vos". ²Surgindo daí uma agitação e tornando-se veemente a discussão de Paulo e Barnabé com eles, decidiu-se que Paulo e Barnabé e alguns outros dos seus subiram a Jerusalém, aos apóstolos e anciãos, para tratar do problema. Eles, ³despedidos afavelmente pela Igreja, atravessaram a Fenícia e a Samaria, narrando a conversão dos gentios e causando grande alegria a todos os irmãos".

Na visão de Comblin (2012, p. 270-275), a narrativa literária dos versículos é obra de Lucas, que é um historiador e um escritor. Como historiador, relata acontecimentos históricos acontecidos no final do século I, provavelmente, anos 80-90 d.C, isto é, 30 ou 40 anos depois do evento Jesus de Nazaré. A comunidade cristã mudou e estavam numa fase de transição para Igreja. Certamente, as comunidades lucanas, tinham outros problemas, além do problema da circuncisão mencionado nos versículos. Mesmo porque, tal problema já devia ter sido resolvido, há muito tempo. Não obstante, como se tornou um problema clássico deve ter criado muitas hipóteses e tentativas de reconstrução dos acontecimentos.

No texto literário, Lucas coloca o problema da circuncisão e a assembléia de duas igrejas locais, no centro do seu livro (capítulo 15), destacando a discussão

entre dois principais missionários (Paulo e Barnabé), autênticos representantes dos cristãos oriundos do paganismo, e também, a decisão das autoridades de Antioquia para enviar os missionários para discutirem o problema com as autoridades da Igreja-mãe de Jerusalém. Portanto, Lucas seleciona esses fatos a partir da sua perspectiva teológica, que vão sendo expressos nos discursos dos personagens. Nessa premissa, Lucas vai amenizar bastante o conflito na sua narrativa.

Face ao exposto de Comblin, destacamos alguns pontos teológicos dos versículos:

- 1) Os descidos da Judéia são os judaizantes (grupo judeu-cristãos da diáspora), que também estavam evangelizando fora de Jerusalém, ou seja, eram movidos pelo anúncio de Jesus Cristo aos povos pagãos;
- 2) A doutrina pregada e a prática pastoral do grupo judaizante eram diferentes das apresentadas pelos grupos missionários étnico-cristãos. Mas, o objetivo era o mesmo: a evangelização;
- 3) Percebemos que nos grupos, as experiências originárias na fé em Jesus Cristo davam-se de acordo com a tradição, a fé e os interesses de cada grupo;
- 4) Sobre a discussão entre o grupo da Antioquia, Lucas diz apenas que Paulo e Barnabé discutiram, excluindo Pedro, ou seja, não era apropriado naquele contexto da comunidade lucana, anos 85-90, desfazer a ideia de profundo acordo entre Paulo e Pedro;
- 5) O texto não apresenta nenhuma delegação oficial da comunidade cristã de Antioquia para Jerusalém. Pedro e Barnabé foram por iniciativa própria, isto é, não foram enviados por nenhuma autoridade;
- 6) O problema da circuncisão que foram levantados pelos missionários é fundamental para o cristianismo primitivo, pois era preciso saber o que era constitutivo da salvação e da pertença ao povo de Deus: Cristo ou a Lei de Moisés? Cristo veio apenas complementar a Lei, ou Cristo era a verdadeira fonte de salvação?
- 7) Para responder as questões anteriores, Lucas coloca Paulo e Barnabé, que são representantes dos promotores da missão junto às nações e da libertação da circuncisão, irem direto a Igreja-mãe de Jerusalém interrogar as autoridades, pois na compreensão dele, ela representa a tradição vinda de

Jesus, além dos apóstolos;

- 8) Os representantes da comunidade foram despedidos festivamente e receberam todo o apoio necessário para a viagem;
- 9) Na Fenícia e na Samaria encontraram apoio dos simpatizantes da causa, pois os mesmos haviam sido evangelizados pelos helenistas que aceitavam a ideia da não circuncisão;
- 10) Então, com o aval dos companheiros de comunidade da Antioquia, mais o aval dos companheiros gentios (Fenícia e Samaria), os missionários representantes, aproveitaram a viagem para acumular mais apoios e multiplicar os defensores da não circuncisão.

Seguindo o pensamento de Kistemaker (2006, p. 60-63) na narrativa literária dos versículos de 1 a 3, encontramos mais pontos teológicos:

- 1) Lucas introduz, na sua narrativa, alguns homens não identificados da Judéia. Presumimos que eles sejam judeu-cristãos pertencentes ao partido dos fariseus (At 15,5);
- 2) Esses homens apareceram em Antioquia para, sem autoridade nenhuma, imporem suas próprias regras e regulamentações aos novos convertidos sobre a Lei da Circuncisão;
- 3) O texto indica que a presença desses homens na comunidade cristã da Antioquia não tem finalidade de expandir a igreja, nem tampouco para animar os crentes da comunidade em sua fé. Mas, impor uma rígida demanda sobre novos, a respeito da salvação: se eles podem ser salvos ou não. Esse grupo insiste que o rito judaico da circuncisão é necessário para a salvação dos gentios cristãos;
- 4) Tal demanda judaica causa uma grande agitação na comunidade dos gentios;
- 5) Paulo e Barnabé haviam ensinado aos cristãos gentios em Antioquia, Chipre e Ásia Menor que eles estavam liberados da Lei de Moisés, isto é, não tinham de se submeterem a circuncisão;
- 6) O conflito entre os judaizantes e os missionários termina quando a igreja antioquense decide pedir uma posição dos apóstolos e presbíteros de Jerusalém referente à questão da circuncisão.

Kistemaker (2006) apresenta o manuscrito ocidental do texto grego que traz os versículos 1 e 2 ampliados e declara que os judaizantes deram ordens a Paulo e

Barnabé para que viajassem até Jerusalém:

“¹E alguns homens dentre os que haviam crido do partido dos fariseus desceram da Judeia e estavam ensinando os irmãos: “A menos que sejam circuncidados e andem conforme o costume de Moisés, vocês não podem ser salvos”. ²E quando Paulo e Barnabé tiveram não pequena dissensão e debate com eles – pois Paulo falou mantendo firmemente que eles {Isto é, os convertidos} deviam ficar já que eram convertidos, mas os que tinham vindo de Jerusalém ordenaram que eles, Paulo e Barnabé e certos outros, subissem até Jerusalém aos apóstolos e presbítero para que fossem julgados perante eles a respeito dessa questão” (METZGER apud KISTEMAKER, 2006, p. 62).

Do ponto de vista gramatical, o texto apresenta a ideia de que os judaizantes é quem enviaram Paulo e Barnabé a Jerusalém. Entretanto, o contexto imediato do versículo 3 confirma que foi a igreja antioquense, e não os judaizantes, quem enviou os missionários a Jerusalém (KISTEMAKER, 2006, p. 62).

Na concepção de Dillon (2015, p. 366-367), a narrativa de Lucas nos versículos de 1 a 3, argumenta sobre o complemento do conflito que começou com o surgimento dos helenistas (At 6,1), e que agora forma um círculo completo quando os representantes da igreja deles retornam a Jerusalém para confirmar a legitimidade da missão para os não-circuncisos. O autor destaca, também, alguns pontos teológicos:

- 1) Os versículos 1 e 2 parecem incluir relatos concorrentes acontecidos anteriormente a Assembleia de Jerusalém, devido a atitudes e práticas pastorais executadas pelos mestres judaizantes em Antioquia;
- 2) Os versículos 1 e 2 parecem cumprir a exigência redacional de ter uma conexão com o contexto da narrativa antecedente (At 14,26);
- 3) O relato acerca da delegação de missionários para Jerusalém, Paulo e Barnabé, e sua finalidade (v. 2), demonstram que os enviados reconstituíram os passos dos helenistas em fuga (At 8,1; 11,19);
- 4) Sobre a redação “segundo a norma de Moisés”, significa que a circuncisão que era descrita no Pentateuco, veio de Moisés. Mas, segundo a tradição judaica o rito vem de Abraão;
- 5) “Grande alegria a todos os irmãos”, pode significar uma aclamação unânime e que reduz a possibilidade dos missionários serem uma facção dissidente na Igreja primitiva.

Assim, após essas considerações e reflexões teológicas dos referencias teóricos apresentados, passamos para análise da controvérsia debatida na Assembléia de Jerusalém.

2.1.2 Sobre a controvérsia discutida na Assembleia de Jerusalém, em At

Antes de adentrarmos na controvérsia discutida em Jerusalém, e para um melhor entendimento do conflito é necessário salientar algumas tendências cristãs existentes no cristianismo primitivo, segundo Pierini (1998, p. 50-54). Na concepção desse autor, a partir da experiência dos apóstolos, como testemunhas vivas do ressuscitado (Cristo), vão surgindo novos crentes de língua hebraica ou aramaica (judeu-cristãos) na Palestina, cuja prática religiosa estava ligada à lei mosaica e ao templo. Surgem, também, novos crentes judeus de língua grega e prosélitos provenientes da diáspora (heleno-cristãos), com mentalidade de liberdade de espírito em relação à lei e ao templo (At 7,2-53). Desse grupo, surgiram os sete diáconos (At 6,1-6), cujo expoente é a figura de Estevão, que foi morto, sob a acusação de blasfêmia (At 6,8-8,1).

Por volta de 35-36 d.C., esse grupo foi perseguido e expulso pelos judeus de Jerusalém. Como consequência dessa expulsão, iniciaram-se as atividades missionárias cristãs na Samaria, Antioquia, Damasco, Fenícia e Chipre (At 8,4-40; 9,10 e 11,19). Mas, por questões de outros entendimentos sobre a lei e o Templo, de forma mais libertadora, eles tiveram dificuldades no relacionamento com o grupo dos judeu-cristãos. Esse grupo procurava inculturar o Evangelho no mundo helenista (MESTERS; OROFINO *apud* FERREIRA, 2012, p. 85).

Não obstante, os heleno-cristãos seriam um elo para os novos grupos de crentes que estavam surgindo, entre 38 a 41 d.C, na grande expansão do Império Romano de cultura e civilização grega, ou seja, os étnico-cristãos. Estes recém convertidos ao cristianismo são de origem pagã e do mundo não-circuncidado (embora simpatizantes do judaísmo, “tementes a Deus”), (PIERINI, 1998, p. 54).

O novo grupo (étnico-cristãos) tinha como centro a cidade de Antioquia, onde iam-se agrupando vários cristãos, oriundos da perseguição de Jerusalém (35-36 d.C., aproximadamente), e que ficaram em Chipre e Cirene (At 11,19-20). Nisso, houve uma grande expansão do cristianismo e uma centralidade da fé cristã na

cidade de Antioquia, inclusive a presença de Pedro, que ali se alojou, após a perseguição de Herodes Agripa I (At 12,17).

A comunidade cristã de Antioquia (Igreja local), composta pelos helenistas e liderada por “mestres e profetas” (At 13,1), tornou-se o lugar de encontro dos recém-convertidos à fé cristã, inclusive, foram chamados pela primeira vez, de cristãos²¹ (At 11,26). Portanto, a cidade de Antioquia passou a ser “o centro das comunidades da Síria e Arábia, chegando a competir em autoridade e influência com a de Jerusalém” (FERREIRA, 2012, p. 85). Assim, Antioquia tornou-se a cidade-mãe dos missionários cristãos.

Feitas as considerações acima sobre algumas tendências cristãs no cristianismo primitivo, às quais Ferreira (2012), vai denominar de grupos originários do cristianismo, faz-se necessário expor dois episódios apresentados por Lucas, que vão dar início à controvérsia discutida em Atos dos Apóstolos (15,1-35). O primeiro está em Atos dos Apóstolos 6, ou seja, o conflito entre os heleno-cristãos e os judeus (respaldado pelos judeu-cristãos). Quando Estevão foi acusado de menosprezar o Templo, proferindo palavras “contra este lugar santo e contra a lei” (At 6,13), e “o Altíssimo não mora em casas feitas pelas mãos” (At 7,48), provocou a ira das autoridades judaicas contra os cristãos helenistas. Esses judeus toleravam a convivência com os judeu-cristãos de Jerusalém (PIXLEY, 1995, p. 141). Percebemos aqui, uma certa ‘libertação’ do grupo helenista em relação ao judaísmo.

Após o episódio acima, começou uma perseguição contra o grupo dos helenistas de Jerusalém. Houve uma dispersão do grupo pela Judéia, Samaria, Fenícia, Chipre e Antioquia (MONDONI, 2014, p. 32). A principal atividade desse grupo era anunciar a boa nova do Senhor Jesus, aos judeus da diáspora e também aos pagãos (At 11,20). Ora, querendo ou não, a experiência cristã dos judeu-helenistas de rejeição ao templo e à submissão a Lei, já estava intimamente conectada aos novos cristãos surgidos do paganismo. Portanto, os judeu-pagãos também já estavam libertos da tradição judaica.

Outro episódio que influenciou a controvérsia relatada em Atos dos Apóstolos (15,1-35) e Gálatas (2,1-10) foi o incidente ocorrido em Cesareia, na casa do centurião romano Cornélio (At 10), onde Pedro faz a experiência de libertação da lei judaica. Entretanto, o ocorrido desestabilizou, completamente, as relações entre os

²¹ Segundo Atos dos Apóstolos essa Igreja designou *chistianós*, sinalizando uma identidade própria. (FERREIRA, 2012, p. 88).

dois cenários de Igreja, isto é, a Igreja primitiva de Jerusalém (judeu-cristãos) e a Igreja helenística dos gentios (étnico-cristãos). Como consequência, houve a remoção da liderança de Pedro da Igreja de Jerusalém e ascensão de Tiago, “o irmão do Senhor”, como liderança dessa mesma Igreja. (PIXLEY, 1995, p. 142).

Para Rabuske (2012, p. 15) a reação de rejeição da entrada de pagãos no movimento cristão, por parte dos cristãos de origem judaica, deve-se ao fato deles não aceitarem e não reconhecerem a igualdade entre eles. Pois, se não firmassem a aliança da circuncisão e a submissão à lei judaica, não seriam iguais.

Tendo em vista a premissa de Rabuske, mencionada no parágrafo anterior, somando-a aos conflitos, às dificuldades de convivência entre os diversos grupos no cristianismo originário, durante os primeiros quinze anos (30 a 45 d.C), e ainda, motivados pelos fatos narrados em Atos dos Apóstolos 6 e 10, em 48 a 51 d. C., aproximadamente, na Antioquia da Síria, deu origem à controvérsia que provocou uma crise: a prática da circuncisão para os cristãos gentios (étnico-cristãos) que aderissem à fé cristã. Isto, após um incidente entre o grupo judeu-cristão vindo de Jerusalém e o grupo de cristão da cidade (Gl 2,11-14). Os judeus cristãos pregavam que os novos cristãos precisavam passar pelo ritual da circuncisão (aliança da circuncisão) e guardar as prescrições da *Torá*, caso contrário não seriam salvos (SANTOS, 2014, p. 125-126). O problema aqui é o “conceito de salvação. Pode alguém alcançar a salvação sem se tornar primeiro judeu?” (RABUSKE, 2012, p.15). Além disso, poder-se-ia perder a herança da eleição, ou seja, a exclusividade.

O grupo de novos cristãos helenistas e étnicos eram liderados por Paulo que pregava que para ser um cristão bastava a aceitação da fé em Jesus Cristo. “Paulo vai a Jerusalém, propor uma reunião dos apóstolos e de representantes da Igreja local, sob a presidência de Tiago, para decidir a favor da liberdade dos pagãos convertidos” (RABUSKE, 2012, p. 15).

A Igreja coordenada por Tiago, “o irmão do Senhor”, situada em Jerusalém, considerava a experiência religiosa do grupo liderado por Paulo (étnico-cristãos) um perigo para a fé cristã, tendo em vista, as constantes ameaças de mortes pelos romanos e, principalmente, a grande questão que foi motivo de discórdia, a não circuncisão dos novos cristãos. Entretanto, não podemos descartar, por trás dessa premissa, o jogo de poder, principalmente quando ele está sendo ameaçado de perda para outro ou outros líderes (FERREIRA, 2012, p. 91).

Com o agravamento da crise, os apóstolos Pedro, João (representantes dos

doze) e Tiago, “o irmão Senhor” (representante dos anciãos) que estavam em Jerusalém, receberam o grupo que veio da comunidade da Antioquia, Paulo, Barnabé e Tito (Gl 2,1) e se reuniram para dar o seguinte parecer: Ou o cristianismo ficaria restrito simplesmente à região da Palestina, ou avançaria da Palestina até os confins da terra.

Após o debate entre os apóstolos, Pedro tomou a palavra e expôs que Deus o havia escolhido para falar primeiro aos gentios, na casa de Cornélio e como Deus o havia escolhido para levar o evangelho aos gentios. Depois da exposição feita por Pedro, a multidão silenciou-se para ouvir a exposição de Barnabé e Paulo acerca do que Deus fez por intermédio deles na primeira viagem missionária, que foram enviados pela Igreja em Antioquia.

Segundo Atos dos Apóstolos (15,13-21), no final da reunião, Tiago, “o irmão Senhor”, que a presidia, tomou a palavra e fez uma exposição, mostrando referências bíblicas em que os profetas predisseram que o nome do Senhor seria invocado entre os gentios. Com isso, a Assembléia de Jerusalém deu parecer favorável à expansão do cristianismo entre os gentios e até os confins da terra. Pedro, representando os apóstolos e Tiago, “o irmão Senhor”, em nome dos anciãos foram favoráveis a Paulo. Silas e Judas receberam a ordem de transmitir a decisão.

Com algumas discrepâncias, o relato de Paulo sobre a reunião em Jerusalém, apresentado em Gálatas (2,1-10) menciona que duas questões foram discutidas, ambas relacionadas ao problema dos gentios: Deverão os gentios ser circuncidados? E deverão os judeus sentarem-se à mesa com gentios? Do relato, como um todo, parece que as colunas não tinham dado muita atenção a essas questões. Pedro ainda estava confuso sobre o que dizer e fazer. Os relatos de Paulo sobre os encontros e a falta de conteúdo nas abordagens de Pedro, sobre essas questões, dão a impressão de que o movimento originário de Jesus em Jerusalém havia-se contaminado com a prática religiosa dos judeus. Pois na concepção do grupo judeu-cristãos de Jerusalém, os ensinamentos de Jesus sobre o reino de Deus eram melhores entendidos em combinação com algum tipo de devoção judaica. Nesse sentido, os judeu-cristãos de Jerusalém opunham-se a Paulo e seu evangelho aos gentios.

Segundo Lucas em Atos dos Apóstolos (15,22-29) Paulo, Pedro e Tiago, “o irmão Senhor”, chegaram a um acordo, ou seja, permitiram que pagãos convertidos fossem dispensados de seguir a Lei Judaica (circuncisão, seleção e preparação de

alimentos). Porém, as regras da lei de Deus, em Levítico 17 (do sangue sagrado) e 18 (das uniões proibidas) seriam impostas aos estrangeiros residentes (PIXLEY, RIBLA, 1995, p. 139). Entretanto, na carta de Paulo aos Gálatas (2,1-10) temos uma outra informação sobre essa decisão, da qual trataremos no item 2.2, sobre o conflito em Gálatas.

Em Atos dos Apóstolos (2,7-9), aparentemente o conflito fora resolvido, e que haveria comunhão entre eles. Porém, na carta aos Gálatas (2,11-14), fica claro que as divergências entre a igreja coordenada por Tiago e a igreja coordenada por Paulo eram profundas, causando-lhe indignação e revolta, em relação a Lei e aos preceitos judaicos.

Portanto, partindo da leitura da carta de Paulo, tudo indica que a decisão foi aparente. A impressão que temos é que o judeu-cristianismo triunfou, naquele momento. Porém, com a guerra de 66-70 dos judeus contra o império romano, esse grupo também se desmoronou. Em seguida, o cristianismo étnico liderado por Paulo e outros missionários, começou após a guerra, um grande avanço, mesmo depois do assassinato de Paulo, provavelmente, em 64 (PIXLEY, 1995, p. 131) ou 67 (O'CONNOR, 2015, p. 373) d.C.

Nessa perspectiva, o grupo de Paulo conseguiu libertar-se do contexto tradicional do judaísmo. Em outras palavras, a queda de Jerusalém fez com que o messianismo judeu acabasse, e com seu fim, o cristianismo étnico, que estava sofrendo pressão de ser subjugado à Lei Judaica, se libertou.

Ademais, para finalizar este ponto, podemos dizer que esta versão sobre a reunião das duas igrejas locais apresentada por Lucas (At 15,1-35), converge e diverge em vários pontos da versão que veremos a seguir, que é o relato apresentado por Paulo, nas carta aos Gálatas (2,1-10).

2.2 O RELATO DA ASSEMBLEIA DE JERUSALÉM EM GL (2,1-10)

Para O'Connor (2015, p. 9), "A Igreja de Antioquia foi responsável pela expansão missionária que exigia dos convertidos pagãos apenas a fé em Jesus". Mas, essa liberdade praticada pelos cristãos pagãos, liderada por Paulo, entrou em conflito com a prática cristã da Igreja-Mãe de Jerusalém, liderada por Tiago, "o irmão do Senhor". Como consequência desse modelo de igreja, surge a chamada crise da

Antioquia, que é retratada no capítulo 2,1-10 de Gálatas, transcrito abaixo²².

“¹Em seguida, quatorze anos mais tarde, subi novamente a Jerusalém com Barnabé, tendo tomado comigo também Tito. ²Subi em virtude de uma revelação e expus-lhes — em forma reservada aos notáveis — o evangelho que prego entre os gentios, a fim de não correr, nem ter corrido em vão. ³Ora, nem Tito, que estava comigo, e que era grego, foi obrigado a circuncidar-se. ⁴Mas por causa dos intrusos, esses falsos irmãos que se infiltraram para espiar a liberdade que temos em Cristo Jesus, a fim de nos reduzir à escravidão, ⁵aos quais não cedemos sequer um instante, por deferência, para que a verdade do evangelho fosse preservada para vós... ⁶E por parte dos que eram tidos por notáveis — o que na realidade eles fossem não me interessa; Deus não faz acepção de pessoas — de qualquer forma, os notáveis nada me acrescentaram. ⁷Pelo contrário, vendo que a mim fora confiado o evangelho dos incircuncisos como a Pedro o dos circuncisos — ⁸pois aquele que estava operando em Pedro para a missão dos circuncisos operou também em mim em favor dos gentios — ⁹e conhecendo a graça em mim concedida, Tiago, Cefas e João, os notáveis tidos como colunas, estenderam-nos a mão, a mim e a Barnabé, em sinal de comunhão: nós pregaríamos aos gentios e eles para a Circuncisão. ¹⁰Nós só nos devíamos lembrar dos pobres, o que, aliás, tenho procurado fazer com solicitude”.

2.2.1 Exegese teológica bíblica dos vv.1-3²³

Seguindo a lógica da exegese teológica bíblica dos vv. 1-3 de Atos dos Apóstolos e após a transcrição do relato da Assembléia de Jerusalém em Gálatas (2,1-10), queremos também, realizar a exegese teológica bíblica dos referidos versículos. Para tanto, vamos utilizar também, como referencial teórico: Comblin (2012), O'Connor (2015), Fitzmyer (2015) e Ferreira (2011).

“¹Em seguida, quatorze anos mais tarde, subi novamente a Jerusalém com Barnabé, tendo tomado comigo também Tito. ²Subi em virtude de uma revelação e expus-lhes — em forma reservada aos notáveis — o evangelho que prego entre os gentios, a fim de não correr, nem ter corrido em vão. ³Ora, nem Tito, que estava comigo, e que era grego, foi obrigado a circuncidar-se.

Para Comblin (2012, p. 271-275) a narrativa dos versículos acima é fruto da experiência missionária vivenciada por Paulo ao longo dos primeiros anos, depois da sua conversão a Jesus Cristo. O relato é a descrição que o próprio Paulo dá de suas viagens na Carta aos Gálatas (1,16-2,14). O autor destaca quatro pontos fundamentais nestes três versículos:

²² Tradução da Bíblia de Jerusalém.

²³ Far-se-á a exegese de apenas desses vv. Haja vista, a objetivação no problema da circuncisão.

- 1) Segundo o relato, Paulo, Barnabé e Tito viajaram juntos para a cidade de Jerusalém, como representantes da missão junto aos gentios (v.9). Isto nos leva a crer que os missionários se apoiavam mutuamente para realizar suas missões. Muito significativo, pois dá à missão um sentido comunitário. Outro fator importante, nesta premissa é a presença de Tito, como grego e não circuncidado, ou seja, a heterogeneidade da comunidade cristã da Antioquia;
- 2) No relato, Paulo apresenta informações sobre a conversão dos gentios. Ele demonstra que não tem dúvidas quanto à verdade do seu Evangelho. Mas, a fundação das igrejas exigia que não fosse rompido o vínculo com a igreja-mãe, aqui representada pelos notáveis ou colunas (v.9);
- 3) Paulo menciona no relato, que foi a Jerusalém em virtude de uma revelação. Isto pressupõe a intuição de Paulo, com a força de sua fé, para caracterizar a sua autonomia e legitimidade do Evangelho que ele pregava;
- 4) O relato apresenta também, o problema central da perícopre, que foi a circuncisão dos gentios. A circuncisão, na visão dos judeu-cristãos, era o sinal por excelência da recepção da Lei de Moisés e a entrada no compromisso com a Lei.

O'Connor (2015, p. 144-157) apresenta um panorama da Assembleia de Jerusalém, conforme relatado em Gálatas, destacando pontos teológicos importantes:

- 1) Paulo insiste no relato que subiu a Jerusalém por causa de uma revelação. Talvez, a principal razão de Paulo, seja para dar uma resposta aos seus adversários da Gálacia, isto é, para afastar a ideia de que indo a Jerusalém estaria reconhecida a superioridade dos apóstolos e se submeter as suas ordens;
- 2) Em dois versículos Paulo resumiu, de maneira sucinta, o problema e sua solução. Mas, com certeza deve ter tido um encontro longo, complexo e turbulento;
- 3) No versículo 2, Paulo fala sobre o Evangelho pregado. Entretanto, o conceito de Evangelho é muito amplo, mas provavelmente, nesse

contexto, significava apenas a fé em Jesus Cristo, ou seja, é a única condição indispensável para a salvação. Paulo não está querendo descartar a Lei, mas só que em Cristo, ela é desnecessária;

- 4) O tom oficial utilizado por Paulo, “expor alguma coisa de forma reservada aos notáveis” (v.2) é uma forma de reconhecer a autoridade da Igreja de Jerusalém, que Paulo atenua, chamando seus chefes de notáveis, que pode ser entendido como irônico ou depreciativo;
- 5) Percebemos que Paulo estava consciente de que não podia forçar uma decisão das autoridades, apenas esperá-la. Talvez, isto possa dizer que Paulo tinha dúvidas sobre a legitimidade de seu Evangelho pregado, e que somente poderia ser confirmado pela Igreja-mãe;
- 6) No versículo 3, Paulo dramatiza a resposta dos líderes de Jerusalém, personalizando-a. O fato de Tito não precisar de circuncidar, deixa claro que a circuncisão não era necessária para a salvação.

Fitzmyer (2015, p. 428-429) aborda algumas considerações sobre os versículos de 1 a 3:

- 1) A tradução usual, “14 anos mais tarde”, tem sido muito questionada porque em outros lugares, Paulo usa dia com o genitivo para significar “durante”. Parece implicar uma contagem a partir da data da conversão de Paulo (aproximadamente 36 d.C.). A correlação dessa visita a Jerusalém, com os dados que constam em Atos, constitui um dos problemas exegéticos mais difíceis do NT;
- 2) Barnabé, de acordo com Atos 4,36, era um levita cipriota, chamado José, a quem os apóstolos chamavam de Barnabé (filho da consolação). Atos 13,1 o apresenta como um profeta ou um mestre de Antioquia, que se tornou companheiro de Paulo durante a sua primeira missão;
- 3) Tito, um cristão gentílico, companheiro de Paulo na sua terceira missão, que apaziguou as relações entre Paulo e a comunidade cristã de Corinto (2Cor 2,13; 7,6.13-14; 8,6.16.23; 12,18);
- 4) “Em virtude de uma revelação”. Quem a teve? Se foi Paulo, porque ele a menciona, provavelmente, pelo menos para mostrar que não foi convocado pelos apóstolos de Jerusalém;

- 5) “Expus-lhes – em forma reservada aos notáveis”. O argumento de Paulo deprecia ligeiramente as “colunas” de Jerusalém, que eram apóstolos antes dele (Gl 1,16-17);
- 6) “Nem Tito... foi obrigado a circuncidar-se”. Paulo quer dizer que Tito não era de fato circuncidado ou que ele não foi “obrigado” a se circuncidar, mas, concordou em se submeter à circuncisão. Isto nos faz acreditar que, o argumento de Paulo a favor da não circuncisão dos gentios convertidos se impôs.

Para finalizarmos este item da exegese teológica bíblica dos versículos 1 a 3 do Capítulo 2 de Gálatas, vamos apresentar o pensamento teológico de Ferreira (2011, p. 79-80), que resume toda expectativa em torno da questão que foi discutida na Assembleia de Jerusalém:

- 1) Paulo, Barnabé e Tito subiram para Jerusalém, com o propósito de expor aos ‘notáveis’ como eram evangelizados os gentios;
- 2) O ponto mais importante do encontro era a questão da circuncisão, porque, isso estava causando uma forte tensão entre os helenistas (tendo Paulo como líder) e os missionários judeu-cristãos (tendo como líder, Tiago, “o irmão do Senhor”);
- 3) A exigência dos judeu-cristãos para que os cristãos, vindos do mundo gentio, já convertido ou não, tivessem que circuncidar e observar o modo de viver dos judeus, provocavam muita agitação, conflitos e descontentamento na comunidade cristã de Antioquia.

Portanto, esses dois modos de ser igreja, se confrontaram no início em que vários grupos deram origem ao cristianismo (FERREIRA, 2012).

2.2.2 Sobre a controvérsia discutida na Assembleia de Jerusalém, em Gl

Paulo, inicialmente, achou que a crise havia sido resolvida, tendo em vista a reunião em Jerusalém (At 15,1-35) entre as chamadas colunas da Igreja, o que lhe dará autorização para continuar evangelizando os gentios/étnicos. Porém, alguns autores têm o posicionamento de que o relato de Gálatas refere-se a contextos

diferentes e épocas diferentes do que foi apresentado em Atos dos Apóstolos 15. Nós optamos por acompanhar o pensamento de O'Connor (2015, p. 144-157) e Fitzmyer (2015, p. 1476-90), ou seja, tratam-se de contextos próximos.

No texto de Gálatas 2,1-10, fica evidente o conflito existente nas primeiras comunidades cristãs: de um lado, judeus da Palestina convertidos (judeu-cristãos), ligados ao judaísmo. De outro, os helenistas, os prosélitos e os gentios convertidos ao cristianismo (FERREIRA, 2011, p. 79-86).

Em seu outro estudo, Ferreira (2012, p. 39-41), apresenta a ideia de que a força do conflito, salientada em Gálatas 2,1-12, deu-se porque os missionários judeu-cristãos foram fazer pastoral onde Paulo havia passado, induzindo os novos cristãos (gentios) a se circuncidarem. Paulo chama os missionários de espiões, perigosos e que provocam confusões. Portanto, Paulo levanta a possibilidade desses missionários estarem ligados à Igreja de Jerusalém (grupo de Tiago, “o irmão Senhor”).

Segundo Jorge Pixley (1995), o conflito é percebido por Paulo (Gl 2, 11-14); por Lucas (At 21,15-26) e pelos crentes de Jerusalém (Tg 2,14-26).

Todavia, o que mais decepciona Paulo é o fato ocorrido em Gálatas 2,11-14, a partir da incoerência de Pedro, em que o mesmo teve uma recaída e não conseguiu superar a lei da pureza e impureza, sentando-se com os gentios à mesa para a refeição. Pelo relato de Paulo descrito na carta, aproximadamente 49 a 51 (O'CONNOR, 2015, p. 23), diz que a circuncisão continuava sendo obrigatória para os novos cristãos de Antioquia. Isso significa que a crise, apresentada na reunião de Jerusalém, não fora resolvida, já que os judeu-cristãos vindos da Judéia, provavelmente, foram enviados por Tiago, “o irmão do Senhor”. Ademais, eles estavam perturbando a comunidade com essa questão. Isto nos remete a mais uma questão aberta: será que o conflito em Gálatas não aconteceu antes do que a reunião dos notáveis em Jerusalém? Para alguns pesquisadores a ordem cronológica dos episódios pode estar invertida.

Não obstante, a situação política do judaísmo, o nacionalismo exasperado, o conflito contra Roma, podem também ter interferido nas relações dos judeu-cristãos com os étnico-cristãos, já que o selo da circuncisão se tornaria uma força de unidade do povo judeu.

2.3 PARALELISMO ENTRE AT 15,1-35 E GL 2,1-10

Para elaborar um paralelo entre alguns versículos, dos Atos dos Apóstolos 15,1-35 e Gálatas 2,1-10, vamos utilizar a hermenêutica da leitura supra literal da Bíblia Cristã de Jerusalém, além do método da leitura conflitual. O nosso propósito é buscar nos detalhes as convergências (proximidades) e as divergências (distanciamentos) dos dois textos.

Na visão de Lucas (At 15,1-35), percebemos certa leveza na reunião de Jerusalém. Por outro lado, na visão de Paulo (Gl 2,1-10) percebemos certa tensão sobre a reunião e sobre o conflito (o problema) na atividade missionária: devem os pagãos ser circuncidados²⁴ e se exigir deles que observem a lei mosaica? Vamos observar, também, as anuências da decisão (a solução) tomada pelos líderes da Igreja Cristã de Jerusalém, em ambos os textos.

Percebemos que Lucas, em Atos 15,1-35 incluiu, resumidamente, a crise e o incidente de Antioquia relatada em Gálatas, ou seja: o conflito da circuncisão (2,1-10) e o conflito de sentar-se à mesa e comerem juntos judeu-cristãos e étnico-cristãos (2, 11-14), que, provavelmente, pertenciam a tempo, espaço e assuntos diferentes. Mas, a hipótese principal é que a visita a Jerusalém, retratada nos textos, refere-se à mesma visita. Outra hipótese é que também houve várias reuniões, ao longo daquela década. Os exegetas ou biblistas não têm elementos suficientes para afirmarem que houve uma ou duas reuniões somente, ou ainda, segundo Comblin (2012, p. 18), a reunião de Jerusalém talvez não aconteceu conforme Lucas narrou.

Comblin (2012, p. 271) apresenta seis pontos de convergências nos dois textos relatados:

- 1) Paulo e Barnabé viajaram a Jerusalém (At 15,2; Gl 2,1);
- 2) O problema central foi a circuncisão dos gentios (At 15,5; Gl 2,3);
- 3) A atuação de um grupo judeu-cristãos extremista (fariseus At 15,5; “falsos irmãos” Gl 2,4);
- 4) Paulo dá informações sobre a conversão dos gentios (At 15,4.12; Gl 2,2);
- 5) Os responsáveis da igreja de Jerusalém rejeitam a necessidade da circuncisão (15,19-20; Gl 2,6);

²⁴ A circuncisão era o sinal tradicional de quem pertencia ao povo da Aliança, que era visto com o sinal divino da salvação (O’CONNOR, 2015, p. 151). Maiores detalhes apresentaremos no capítulo III, item 3.1.

6) Salvou-se a unidade da Igreja (At 15,30-35; Gl 2,9).

Também Comblin (2012, p. 271/272) apresenta seis pontos de divergências entre dois textos:

- 1) Em Atos 15,2, Paulo e Barnabé são delegados de Antioquia, mas em Gálatas 2,2 Paulo foi enviado por uma revelação, sem mencionar Antioquia. As duas coisas são compatíveis e Paulo pode ter suas razões;
- 2) Em Gálatas 2,1, Tito acompanha Paulo, mas não aparece em Atos. Tudo indica que a tradição se esqueceu dele;
- 3) Em Gálatas 2,9, Paulo encontrou-se com Tiago, Cefas e João. Em Atos João não apareceu. Será que a tradição se esqueceu de João porque ele não representava mais nenhuma tendência na época da redação;
- 4) Em Atos 15,4.6.22, a comunidade de Jerusalém e os presbíteros participam dos debates. Já em Gálatas, Paulo fala, apenas, com Tiago, Cefas e João. Provável razão: Paulo não deve se lembrar, com agrado, da reunião, pois ele não queria depender nem da comunidade e nem dos presbíteros, mas somente dos apóstolos;
- 5) Em Gálatas 2,2, Paulo fala que expôs o seu evangelho. Atos não menciona nada disso, talvez porque para Atos não era fundamental uma argumentação e nem Paulo, pois o fato já era conhecido;
- 6) Em Gálatas 2,10, Paulo diz que os apóstolos de Jerusalém pediram que se lembrasse dos pobres. Atos 15 não diz nada sobre isso. Entretanto, em At 11,29-30, Paulo, em outra viagem a Jerusalém, teria levado ajuda material à Igreja de Jerusalém.

Faremos a seguir um resumo de alguns versículos do problema e da solução da reunião de Jerusalém, fundamentados em O'Connor (2015, p. 144-157) e Fitzmyer (2015, p. 1476-90).

2.3.1 O problema

Atos 15	Gálatas 2
<p>(vv. 1-3) - Paulo está em Antioquia quando é surpreendido pelos judeu-cristãos vindos da Judéia, pregando a circuncisão como condição necessária à salvação, para os novos cristãos vindos do paganismo. Isso causa uma agitação entre os cristãos de Antioquia e uma discussão entre Paulo e Barnabé. Então, a Igreja de Antioquia envia Paulo, Barnabé e outros a Jerusalém para consultarem os apóstolos e anciãos a respeito da questão da circuncisão e observância da lei mosaica. Porém, a pauta principal da reunião era a circuncisão dos gentios convertidos. Paulo quer dizer que para os pagãos a Lei da circuncisão era desnecessária. Como a redação final do texto foi escrita 30 ou 40 anos depois, aproximadamente (Comblin, p. 271), em contextos diferentes a de Gálatas, percebemos um Paulo, missionário, bem integrado com as comunidades cristãs e sem grandes conflitos. Percebemos, principalmente, que as comunidades lucanas são compostas de étnico-cristãos e que a reunião de Jerusalém se dá na terceira visita de Paulo a essa cidade. Resumidamente, o problema discutido aqui é a circuncisão e a abertura aos gentios.</p>	<p>(vv. 1-3) – Paulo relata sobre a visita a Jerusalém com Barnabé e Tito, 14 anos depois de sua conversão (49-51). Paulo salienta que sua visita é fruto de uma revelação (inspiração). Ele vai fazer uma exposição aos notáveis de Jerusalém (Tiago, Pedro e João) da sua pregação do evangelho aos gentios. Percebemos aqui, que Paulo tem a plena convicção da sua pregação e de sua fé na salvação, sem a lei mosaica. A questão, parece ser as perseguições acumuladas por parte dos judeu-cristãos, por muito tempo. Também, nesses versículos Paulo quer manifestar sua independência em relação à Igreja de Antioquia e suas decisões, pois ele age por vontade de Deus. Mas, ao mesmo tempo Paulo sabe da importância da comunhão (<i>koinonia</i>) entre as Igrejas. O texto não informa onde Paulo e Barnabé estavam quando foram para Jerusalém. Mas tudo indica que o encontro aconteceu na segunda visita de Paulo à Jerusalém. Paulo é visto como revolucionário e conflituoso por seus adversários, porém, ousado na causa de Jesus Cristo</p>

2.3.2 A solução

Atos 15	Gálatas 2
<p>(vv. 20-29) – Lucas apresenta o resultado da consulta de Paulo, no qual Tiago, “o irmão do Senhor”, envia uma missiva oficial a Antioquia, Síria e Cilícia, através de Judas Barsabás e Silas, autorizando Paulo e Barnabé a continuarem a evangelizar sem exigir a circuncisão, apenas a fé em Jesus Cristo. Mas, recomendou aos cristãos gentílicos que se abstenham de comer carne sacrificada aos ídolos, do sangue, da carne de animais estrangulados (restrição alimentares) e de relações sexuais ilícitas. A carta oficial (decreto), também deveria ser entregue a Paulo e Barnabé, que supostamente, estariam em Antioquia. Entretanto, Paulo somente toma conhecimento sobre a carta bem mais tarde (At 21,25). Mesmo assim, Paulo não faz nenhuma referência a essa carta oficial (decreto) em Gl 2,1-14 (que trata da reunião de Jerusalém) e nem em 1Cor 8-10 e Rm 14 (que trata de problemas análogos). Parece que Lucas quer dar um caráter universal ao decreto, pois em sua redação final (entre 80-90, aproximadamente) mostra que o cristianismo já havia chegado a todas as regiões mencionadas no capítulo 2, 1-13 de Atos.</p>	<p>(Vv. 7-10) – Paulo relata a decisão dos notáveis, dando plena liberdade para continuar como começara, ou seja, converter os gentílicos apenas na fé em Jesus Cristo. Mas, a decisão também previa que os missionários se lembrassem dos pobres de Jerusalém. Paulo ficara perplexo com a decisão, pois os notáveis não exigiram mais nada. Nem mesmo a circuncisão de seu companheiro de delegação Tito, que era grego, e não era circuncidado. O que observamos de estranho nessa decisão é a posição dos três dirigentes, as “colunas”, contra oposição da maioria da Igreja de Jerusalém, que era contrária à prática de Paulo, ou seja, os gentílicos deveriam ser obrigatoriamente, circuncidados. Os notáveis (autoridades da Igreja de Jerusalém) compreenderam e autorizaram Paulo e os outros missionários a continuarem a evangelização. Parece-nos que Paulo precisava desse aval para dar credibilidade à missão. Notamos nesse relato, uma perspectiva de que a reunião foi tratada entre iguais. Outra perspectiva é que nenhum documento foi elaborado. Paulo liberto da Lei mantém sua independência em relação às Igrejas de Jerusalém e Antioquia.</p>

2.3.3 Análise dos relatos do problema e da solução

Fazendo uma análise crítica dos dois relatos, verificamos que há convergências e divergências, tanto no problema, quanto na solução. Segundo Comblin (2012, p. 11), as comunidades Lucanas, na época da redação final do Atos dos Apóstolos, situavam-se numa fase de transição entre a seita do judaísmo e a nova Igreja nascedoura. Ainda não existia claramente a idéia de Igreja universal, mas já estava nascendo.

Nessa linha de pensamento, Monasteiro e Carmona (2004, p. 297) salientam uma perspectiva do Atos dos Apóstolos como uma obra mal informada, por falta de fontes, e sua negação da historicidade:

Atos dos Apóstolos reflete comunidade dos gentios da segunda ou terceira década do século II, que já professa o protocaticismo, isto é, comunidade, por uma parte muito influenciada pela herança judaica e, por outra, muito distanciada das características essenciais de Paulo, exceto o universalismo, por sua incapacidade de compreender a teologia paulina. A obra pretende primariamente explicar o cristianismo do seu dia-a-dia em termos do passado. Possui inexatidões históricas, mas essas não são devidas à “tendência”, mas à ignorância e falta de informação, já que o autor não é testemunha imediata, por isso supre suas carências com a imaginação.

Levando em consideração as premissas dos parágrafos anteriores, Lucas ameniza o problema apresentando as primeiras comunidades cristãs utopicamente, onde tudo era perfeito (At 2,42-47 e 4,32-37). Entretanto, em Atos 15,20-29, a decisão tomada pelas autoridades da igreja de Jerusalém, sobre as observâncias dos alimentos, não condiz com a realidade das primeiras comunidades, até porque Paulo foi hostilizado pelos judeu-cristãos, por causa da liberdade do evangelho. Tal decreto causou muitos problemas e dissabores na expansão do evangelho entre os missionários.

É natural que a partir do contexto em que está inserido o Livro Ato dos Apóstolos, além da afinidade do autor a Paulo (possibilidade de uma “tendência”²⁵), é possível que seus escritos sejam apresentados de forma leve. Por exemplo, a discussão entre Paulo e Pedro na Antioquia, “Lucas mostra que há acordo profundo entre Paulo e Pedro” (COMBLIN, 2012, p. 274). Então, os conflitos vividos nas primeiras comunidades cristãs, as quais Paulo experimentaram, são tratados de

²⁵ Teoria de F. Ch. Baur (1792-1860) e da Escola de Tubinge (MONASTEIRO; CARMONA, 2004, p. 296)

forma resumida e teológica.

Em Atos dos Apóstolos 15,1-35, Lucas avançou na perspectiva da comunhão e na liberdade dos cristãos e também na abertura da fé cristã a todos os povos, haja vista todo processo histórico (acontecimentos da guerra judaica e diásporas dos judeus e judeu-cristãos de Jerusalém).

Quanto à crise e ao incidente de Antioquia apresentados em Gálatas, Paulo deixa transparecer que o problema surgido é fruto de uma prática não ética de seus irmãos de igreja, causando-lhe frustrações e insucessos na conversão dos étnicos gentios. Por isso, como forma de revelação leva às autoridades da Igreja-mãe a discussão e deliberação sobre a sua conduta missionária.

Entretanto, Paulo conseguiu persuadir as lideranças (Tiago, Cefas e João) quanto a sua prática missionária. O'Connor (2015, p. 150-154), vai explicar porque Tiago concordou com Paulo sobre a circuncisão. Em sua concepção a concordância foi fruto de uma necessidade prática e política dos judeus na época. "No Império romano, os judeus tinham certos direitos, definidos por lei com clareza e precisão" (O'CONNOR, 2015, p. 151). O judaísmo era uma *religio licita*. Os seus privilégios eram respeitados, desde que não fossem perturbadas a lei e a ordem do império. Provavelmente, Tiago, "o irmão do Senhor", percebeu que divergências, por questões práticas e não teológicas, entre os judeus e os cristãos poderiam abalar tal liberdade de fé.

Segundo O'Connor (2015, p. 154), Paulo expressa o acordo feito em Jerusalém com os notáveis: "Tiago, Cefas e João, considerados como colunas, deram-nos a mão, a mim e a Barnabé, em sinal de comunhão, a fim de que fôssemos nós aos pagãos, eles, aos circuncisos" (Gl 2,9). Tal acordo deixa claro que Paulo era um dos missionários, juntamente com Barnabé, que convertia os pagãos e que o acordo valeria para todos os outros convertidos. Entretanto, os outros missionários tinham a liberdade de circuncidar seus convertidos. "Em outras palavras, o acordo não dizia respeito nem ao território nem à raça, mas à prática missionária" (HAENCHEN *apud* O'CONNOR, 2015, p. 155, nota de rodapé 67).

Por fim, na visão de Comblin (2012, p. 18), as divergências apresentadas entre Atos 15,1-35 e Gálatas 2,1-10 devem-se ao fato de que o autor de Atos (Lucas) não conhecia nem a carta aos Gálatas e nem as comunidades as quais foram escritas, pois se as conhecesse saberia que seus escritos contradiziam os fatos da carta. Comblin (2012, p. 270-275) apresenta algumas hipóteses sobre os

relatos, tais como:

- 1) Houve a reunião de Jerusalém, com uma decisão simples da não circuncisão dos novos cristãos vindos do paganismo;
- 2) Tal decisão deve ter criado duas comunidades separadas, uma de circuncisos e outra de incircuncisos;
- 3) O decreto sobre a observância das leis mosaicas foi criado, após a reunião de Jerusalém, alguns anos depois, haja vista, os problemas que surgiram entre os judeu-cristãos (mentalidade judaica) e os étnico-cristãos (libertos da Lei) de sentarem-se juntos à mesa (Comunidade de mesa), por causa da Lei da pureza, aplicável aos estrangeiros que moravam em Israel (Lv 17-18);
- 4) Em Jerusalém, o decreto foi aceito como complemento à decisão da reunião de Jerusalém;
- 5) Tiago, “o irmão do Senhor”, decretou as medidas, enviando-as, através de um grupo de delegados de Jerusalém a Antioquia, a fim de obter o reconhecimento de Pedro;
- 6) Pedro deixou-se ser seduzido pelo decreto;
- 7) A comunidade de Antioquia, também, cedeu ao decreto com suas regras, inclusive Barnabé;
- 8) Paulo não admitiu o decreto, pois, no seu entender, limitaria a liberdade dos novos cristãos. Contrariando, assim, o que fora decidido na reunião de Jerusalém;

Em Gálatas 2,1-14, não há nenhuma alusão feita ao decreto sobre as restrições alimentares. Parece impossível que Paulo tenha concordado com o teor desse decreto (At 15,20-29). Trata-se aparentemente da concessão que foi pedida aos gentios das comunidades lucanas para criar um consenso. Lucas atribui esse sistema para conseguir o consenso a uma reunião de missionários em Jerusalém. (COMBLIN, 2012, p.18)

- 9) Com a adesão de Barnabé ao decreto de Tiago, “o irmão do Senhor”, Paulo, por questões de práticas missionárias (a comunidade de mesa entre os cristãos), resolveu abandonar seu companheiro de longas missões;
- 10) Paulo nas suas atividades missionárias não aplicou o decreto do capítulo 15, 20-29 de Atos dos Apóstolos. Mas, com o respaldo da não circuncisão (At 15,19-20; Gl 2,6) sentiu-se independente e autônomo para continuar sua prática pastoral.

Em suma, vimos neste item que as diferentes experiências de fé em Jesus Cristo, em tempos e espaços diferentes, fazem seus relatos e narrações conterem diferentes formas de expressão, principalmente, quando levamos em conta o contexto (situação vital), o pretexto (motivações de escrever) e os interesses dos grupos. Daí surgiram as convergências e as divergências das experiências originárias. Por isso, temos que analisar e pesquisar os diversos autores com as suas respectivas linhas de pesquisas.

No capítulo III, a seguir, analisaremos as principais perspectivas dominantes que marcaram os dois jeitos de ser igreja, no cristianismo primitivo, que estamos pesquisando.

CAPÍTULO III – PERSPECTIVAS DOMINANTES NOS CENÁRIOS DAS DUAS IGREJAS

No cenário das duas igrejas pesquisadas, Igreja da Circuncisão e Igreja da Fé, relatadas em Gálatas (2,1-10) e Atos dos Apóstolos (15,1-35), percebemos algumas perspectivas dominantes, as quais tiveram papéis preponderantes nas experiências religiosas do cristianismo primitivo. É importante observar que os primeiros seguidores de Jesus Cristo eram judeus convertidos ou povos estrangeiros oriundos do paganismo que também se converteram. Por isso, destacamos três perspectivas para análise: a lei, a fé e a universalidade do evangelho.

3.1 A LEI (IGREJA DA CIRCUNCISÃO)

No começo, a permissão para que os cristãos gozassem da lei, segundo o que Paulo tinha em mente, resumia-se a alguns poucos itens. Eram apenas os códigos de identidade judaica, que causavam os maiores obstáculos para a participação integral dos gentios nas sinagogas helênicas: puro e impuro, lei do sábado e circuncisão. Em nenhum momento, Paulo encarou que a liberdade da lei significaria que os cristãos não prestassem tributo aos elevados padrões da Ética Mosaica, através da qual os judeus eram conhecidos e respeitados por todo o império. Mas, à medida que seu evangelho era ouvido e tornava-se alvo de visões opostas, Paulo se confrontava com um número sempre maior de itens para serem considerados como 'leis' das quais os cristãos teriam que se livrar. Logo, foram incluídas algumas regras de pureza tais como companheiros à mesa (Gl 2,11-14). Porém, o tema central da discórdia entre a igreja coordenada por Paulo e a igreja coordenada por Tiago, "o irmão do Senhor", sem sombra de dúvida, foi a circuncisão.

Segundo E. Cothenet (1985), transmitindo o pensamento de R. de Vaux (*apud* COTHENET, 1985, p. 12) salienta que "a circuncisão, bastante difundida no mundo antigo, parece ter-se originado de um rito de iniciação ao casamento e, por conseguinte, à vida comum do clã". Os livros históricos bíblicos nos mostram o desprezo dos israelitas pelos filisteus incircuncisos, mas, não dão expressamente um fundamento religioso ao rito. Depois do exílio, a circuncisão tomou-se uma

importância de primeiro plano para os israelitas (judeus), povo eleito.

No documento da tradição sacerdotal (Pentateuco), provavelmente, escrito após o exílio da Babilônia (589-538 a.C) faz-se da circuncisão o sinal da Aliança²⁶ que Deus estabeleceu com Abraão e seus descendentes, para sempre:

“⁹Deus disse a Abraão: “ quanto a ti, observarás a minha aliança, Tu e tua raça depois de ti, de geração em geração. ¹⁰E eis a minha aliança, que será observada entre mim e vós, isto é, tua raça depois de ti: todos os vossos machos sejam circuncidados. ¹¹Farei circuncidar a carne de vosso prepúcio, e este será o sinal da aliança entre mim e vós.¹² Quando completarem oito dias, todos vossos machos serão circuncidados, de geração em geração. Tanto nascido em casa quanto comprado por dinheiro algum estrangeiro que não é tua raça, ¹³deverá ser circuncidado o nascido em casa e o que for comprado por dinheiro. A minha aliança estará marcada na vossa carne como aliança perpétua. ¹⁴O incircunciso, o macho cuja carne do prepúcio não tiver sido cortada, esta vida será eliminada de sua parentela: ele violou minha aliança” (Gn 17,9-14).

Para Mckenzie (2015, p. 417) “Na comunidade da aliança, a vontade do Deus da aliança é a suprema autoridade à qual cada autoridade humana está subordinada”. Isso significa que, o modo de vida dos judeus estava voltado para a vontade moral de *lahweh* e as consequências dessa aliança são maldições e bênçãos. A comunidade judaica de Jerusalém, após o exílio na Babilônia, fez de si mesma um povo da lei. No Novo Testamento (NT), percebemos, explicitamente, o problema entre a Lei e o Evangelho. Também, relata que os fiéis seguidores da Lei eram os judeus, provavelmente, uma grande maioria de Jerusalém que estavam aderindo à fé em Jesus Cristo, inclusive sacerdotes (At 6,7).

Paulo, em sua missiva aos Romanos, faz uma reflexão sobre a premissa da circuncisão como sinal da Aliança de Deus com Abraão. Entretanto, apesar de ser bastante conhecedor da tradição de seu povo, ele era judeu e conhecia essa narrativa fundamental. Para ele, aliança e lei não estariam ligadas de modo indissolúvel (O’CONNOR, 2015, p. 215-216) mas, por amor à missão e à liberdade em Cristo (nova concepção de vida e diferente), que abraçou com muito ardor missionário. Ele conseguiu avançar na perspectiva da salvação para todos os povos, ou seja, para os circuncisos e os incircuncisos. Portanto, Paulo faz uma releitura da premissa da fé de Abraão, ampliando sua descendência para todos:

²⁶ A maioria dos escritores modernos toma a analogia da aliança como a chave básica para as outras. A aliança era, originalmente, um acordo verbal numa cultura que não matinha registros escritos. As alianças abrangem todas as transações sociais no AT. A aliança de *lahweh* com Israel domina os últimos livros do Pentateuco e ocorre novamente nos livros históricos (MCKENZIE, 2015, p. 1413).

“⁹Ora, esta bem-aventurança é somente para os circuncisos, ou também para os incircuncisos? Dizemos, com efeito, que para Abraão a fé foi levada em conta de justiça. ¹⁰Mas como lhe foi levada em conta? Estando circuncidado ou quando ainda incircunciso? Não foi quando estava circuncidado, mas quando ainda era incircunciso; ¹¹e recebeu o sinal da circuncisão como selo da justiça da fé que ele tinha quando incircunciso. Assim ele se tornou pai de todos aqueles que crêem, sem serem circuncidados, para que a eles também seja atribuída a justiça, ¹²e pai dos circuncisos, que não só receberam a circuncisão, mas que também seguem a trilha da fé que teve Abraão, nosso pai, quando ainda incircunciso” (Rm 4,9-12).

Paulo nas suas ações missionárias enfrentou vários conflitos com os judaizantes (missionários judeu-cristãos²⁷), talvez, ligados à igreja-mãe de Jerusalém. Grupo conservador, bem alinhado ao judaísmo, com fortes vínculos à lei do puro e do impuro, à lei da circuncisão, à lei do sábado e outros preceitos²⁸. O principal conflito com Paulo era a não circuncisão dos novos adeptos ao cristianismo, oriundos do paganismo, que Paulo defendia. Em Gálatas 1,1-10 percebemos claramente o conflito. Afinal, os judeu-cristãos não aceitavam a possibilidade da não circuncisão. Para eles Paulo estava deturpando o evangelho de Jesus Cristo, ou seja, Paulo apresentava outro evangelho. Por serem contrários, eles tentavam de todas as formas desacreditar Paulo e a sua missão. Bruce (*apud* O’CONNOR, 2015, p. 205) descreve resumidamente o drama vivido por Paulo:

Os chefes de Jerusalém são as únicas pessoas com autoridade para dizer o que é o verdadeiro Evangelho e receberam essa autoridade de Cristo. Paulo não tem nenhuma autoridade semelhante: recebeu toda missão que exerce dos chefes de Jerusalém e, se difere deles no conteúdo ou nas inferências do Evangelho, atua e ensina arbitrariamente. De fato, Paulo subiu a Jerusalém logo depois de sua conversão e ali passou algum tempo com os apóstolos que o instruíram nos princípios do Evangelho e, vendo que ele era um homem de invulgar capacidade intelectual, foram magnânimos e apagaram da memória a lembrança dele como perseguidor e o autorizaram a pregar aos outros o Evangelho que aprendera com eles. Mas, quando ele saiu de Jerusalém para ir à Síria e à Cílicia, começou a adaptar o Evangelho para torná-lo apazível aos pagãos. Os chefes de Jerusalém praticavam a circuncisão e observavam a lei e os costumes, mas Paulo tomou uma direção própria, omitindo do Evangelho que pregava a circuncisão e outras observâncias antigas e, assim, traiu sua herança ancestral. Este Evangelho sem lei não tem outra autoridade além da dele; com certeza ele não o recebeu dos apóstolos que desaprovavam sua atitude. A desaprovação deles foi demonstrada publicamente em uma ocasião em Antioquia, quando houve um confronto direto entre Pedro e ele por causa da necessidade de manter as leis sobre a comida.

²⁷ Ferreira denomina-os de missionários judeu-cristãos, porque eram cristãos que tiveram dificuldades de abandonarem a linha do judaísmo e eram oponentes à linha de Paulo (FERREIRA, 2012, p.39).

²⁸ Constituíram um grupo significativo dos cristianismos originários, ligados a Tiago, coordenador da comunidade de Jerusalém (FERREIRA, 2012, p. 41).

No texto acima, nota-se a tática dos judeu-cristãos para desmoralizar Paulo. Primeiro, tentaram junto aos gálatas, abalar a autoridade de Paulo. Segundo, argumentaram aos gálatas sua versão sobre o cristianismo com base na revelação de Cristo às autoridades de Jerusalém. Paulo identifica os adversários como intrusos, perturbadores (Gl 1,7;5,10). O’connor (2015, p. 14) salienta que “o argumento dos intrusos judaizantes era, em essência, uma revisão da história da salvação que começou com Abraão e seguiu, via sua aliança e circuncisão, para a centralidade da lei”.

Bagatti (1975, p. 75) escreve que:

A maior diferença existente entre os cristãos de origem judaica e os do ramo gentio consiste na maneira de entender a obrigatoriedade da Lei mosaica. A questão foi discutida desde os primeiros dias da igreja e permaneceu aberta enquanto viveram os judeu-cristãos. Estes julgavam-se obrigados a observá-la, enquanto que os demais cristãos sentiam-se desvinculados. O principal propugnador desta mentalidade é S. Paulo, que por isso foi posto na mira dos judeu-cristãos como um herege. As questões sobre a Lei desenvolvem-se nos primeiros quatro séculos; primeiro quando os judeu-cristãos querem impor a observância da Lei aos outros, e depois na reação dos cristão-gentios, que procuram abolir todos os costumes judaicos que se tinham infiltrado nas várias comunidades.

Fica evidente a luta árdua dos missionários (Silas ou Silvano, Timóteo, Judas, Filipe e outros), e de seu principal expoente Paulo, contra a mentalidade dos judeu-cristãos que aderiram a Cristo reconhecendo-o como o Messias, mas, que continuavam presos aos preceitos da Lei e à prática religiosa judaica. Bagatti (1975, p. 75) diz que no primeiro momento da adesão, nem os apóstolos, nem os discípulos e nem todo povo, de maneira geral, poderia prever o problema da Lei, pois, o que prevaleceu, naquele momento, foi a ordem de anunciar o Evangelho até os confins da terra. Provavelmente, a experiência de Cornélio, Tito e outros que se tornaram discípulos de Cristo sem passar pelo ritual da lei (circuncisão), abriram precedentes que provocaram uma mentalidade gentílica da não circuncisão. Podemos confirmar esta possibilidade com o aumento do número de cristão-étnicos na comunidade da Antioquia da Síria.

Concluindo a questão da lei, entendemos que a autorização dos líderes da Igreja-mãe, para que Paulo e os outros missionários continuassem a converter os pagãos sem a circuncisão, conforme foi discutido na assembléia de Jerusalém (Gl 2,1-3 e At 15,1-13), provocou uma expansão do cristianismo no mundo pagão. Tal

decisão acabou criando comunidades heterogêneas (cristãos gentios sem a circuncisão e cristãos judeus). Ambas tinham dificuldades em sentarem-se à mesa juntos (por causa da Lei da pureza e impureza). Porém, alguns judeu-cristãos não concordaram com esta decisão e foram de maneira não ética, evangelizar novamente os gentios onde os missionários haviam feito, impondo a lei (circuncisão) para eles. “Paulo sustentava que Cristo tinha ab-rogado a Lei para todos, estabelecendo um pacto novo” (BAGATTI, 1975, p. 78). Isto significava que a lei não era obrigatória para os gentio-cristãos. Pois, a função da Lei fora apenas a de um “pedagogo para conduzir a Cristo” (Gl 3,24). Portanto, a Lei tornou-se rival de Cristo e quem a obedecesse seria um transgressor (O’CONNOR, 2015, p. 164-165).

A partir dessa premissa, Paulo apresenta a fé como resposta: adesão pessoal a Jesus Cristo e principal elemento de salvação para os novos cristãos vindos do paganismo (Gl 2,16), e também, suficiente para os judeus (Gl 2,21).

3.2 A FÉ (IGREJA DE PAULO)

A fé é a grande marca da evangelização da Igreja coordenada por Paulo. A fé é fundamental e tudo o mais é secundário (Gl 3,11): “E que pela Lei ninguém se justifica diante de Deus é evidente, pois o justo viverá pela fé”. Esta é a principal bandeira de Paulo, e a levou adiante no império romano, enfrentando desafios, conflitos e perseguições.

Segundo Marck (2002, parte 6), Paulo conhecera os filósofos estóicos²⁹ como o romano Sêneca (4 a C – 65 d.C), e criou uma doutrina semelhante, em alguns aspectos, ao pensamento deles, “a liberdade do Cristão é a salvação obtida pela fé e pelo amor de Cristo”.

²³Antes que chegasse a fé, nós éramos guardados sob a tutela da Lei para a fé que haveria de se revelar. ²⁴Assim a Lei se tornou nosso pedagogo até Cristo, para que fôssemos justificados pela fé. ²⁵Chegada, porém, a fé, não estamos mais sob pedagogo; ²⁶vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus, ²⁷pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo. ²⁸Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus. ²⁹E se vós

²⁹ Estoicismo esvaziava da Filosofia o conteúdo político em favor da moral e da realização subjetiva, surgirá a partir da perda da liberdade política das cidades-estado gregas para os conquistadores macedônios, no séc. 4 a C.

sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, herdeiros segundo a promessa” (Gl 3,23-29)

A fé para Paulo é adesão total e pessoal a Jesus Cristo. Em Gl 3,6-7, é demonstrada a tese de Paulo: “foi assim que Abraão creu em Deus e isto lhe foi levado em conta de justiça. Sabei, portanto, que os que são pela fé são filhos de Abraão”. Ele buscou a fé de Abraão como resposta à promessa de Deus ao povo de Israel, trazendo presente a experiência cristã, pois no batismo há a incorporação a Jesus Cristo. E em Cristo a descendência de Abraão se concretiza (COTHENET, 1985, p. 48).

Paulo busca nas raízes do povo hebreu a experiência de fé de Abraão com seu Deus único *lahweh*, onde num pacto de fidelidade é feita uma Aliança, tendo como sinais, as promessas de terra, descendência e a bênção (Gn 12,1-2), para apresentar uma nova perspectiva de salvação em Cristo. Como podemos ver em Gl 3,16: “Ora, as promessas foram asseguradas a Abraão e à sua descendência. Não diz: “ e aos descendentes”, como referindo-se a muitos, mas como a um só: e à tua descendência que é Cristo”.

Paulo afirma aos gálatas ser a fé a única exigência para pertencer ao povo de Deus. Abre as janelas para incomensuráveis fronteiras. Os missionários judeu-cristãos, além da fé em Cristo, exigiam também a circuncisão e a aceitação da lei como requisitos para essa pertença. Isso criava obstáculos e barreiras (FERREIRA, 2001, p. 40).

Na visão de Paulo, o homem não se justifica pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo. Paulo tornou-se uma testemunha do verdadeiro evangelho identificando-se com o Cristo, conforme apresenta em Gl 2,15-21:

“¹⁵Nós somos judeus de nascimento e não pecadores da gentilidade; ¹⁶sabendo, entretanto, que o homem não se justifica pelas obras da Lei, mas pela fé em Jesus Cristo, nós também cremos em Cristo Jesus para sermos justificados pela fé em Cristo e não pelas obras da Lei, porque pelas obras da Lei ninguém será justificado. ¹⁷E se, procurando ser justificados em Cristo, nós também nos revelamos pecadores, não seria então Cristo ministro do pecado? De modo algum! ¹⁸Se volto a edificar o que destruí, então sim eu me demonstro um transgressor. ¹⁹De fato, pela Lei eu morri para a Lei, a fim de viver para Deus. Fui crucificado junto com Cristo. ²⁰Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim. ²¹Não invalido a graça de Deus; porque, se é pela Lei que vem a justiça, então Cristo morreu em vão”.

3.3 A UNIVERSALIDADE DO EVANGELHO

O slogan do evangelho de Paulo era ‘libertos da lei’. Com isso ele queria dizer que os gentios poderiam se tornar cristãos e juntarem-se à casa de Israel sem guardar as leis judaicas. Isto, é claro, estava destinado a causar confusão, pois, aqueles mais sensíveis às leis judaicas tomariam como ofensa essa dispensa. A lei era o verdadeiro alicerce sobre o qual a casa de Israel tinha que ser construída. E aqueles gentios que agora se deliciavam por não terem que seguir lei alguma, seguramente, acabariam por questionar o porquê de se importarem também com um evangelho. Assim, Paulo tinha que pelejar nessas duas frentes e teve que realizar algumas proezas admiráveis de sofismas intelectuais. Ele, na verdade, tornou-se o primeiro pensador dialético da história da teologia cristã. (MARCK, 2002, Parte 6).

Paulo encontra em Gênesis 12,3 e 18,18 o cunho universalista do Evangelho, relacionando à fé com às promessas de Abraão, “todas as nações serão abençoadas”. Com esta motivação, em Gálatas 1,15-24, Paulo se apresenta como o apóstolo das nações:

“¹⁵Quando, porém, aquele que me separou desde o seio materno e me chamou por sua graça, houve por bem ¹⁶revelar em mim o seu Filho, para que eu o evangelizasse entre os gentios, não consultei carne nem sangue, ¹⁷nem subi a Jerusalém aos que eram apóstolos antes de mim, mas fui à Arábia, e voltei novamente a Damasco. ¹⁸Em seguida, após três anos, subi a Jerusalém para avistar-me com Cefas e fiquei com ele quinze dias. ¹⁹Não vi nenhum apóstolo, mas somente Tiago, o irmão do Senhor. ²⁰Isto vos escrevo e vos asseguro diante de Deus que não minto. ²¹Em seguida, fui às regiões da Síria e da Cilícia. ²²De modo que, pessoalmente, eu era desconhecido às Igrejas da Judéia que estão em Cristo. ²³Apenas ouviam dizer: quem outrora nos perseguia agora evangeliza a fé que antes devastava, ²⁴e por minha causa glorificavam a Deus”.

Na obra de Lucas (Atos dos apóstolos), o cristianismo nasceu como uma seita dentro do judaísmo, numa espécie de transição. É evidente que os cristãos, na época da redação, não sabiam que era uma transição. Mais ou menos, uma geração após a primeira, o cristianismo vai assumindo a forma institucionalizada até Constantino e se prolongando até os séculos IV-V, com os Padres Apologéticos (COMBLIN, 2012, p. 53). Portanto, do seio do judaísmo rumo a Igreja universal.

Os cristãos são os judeus puros aos quais se acrescentaram os justos das nações, e a sua pureza está no radicalismo da pobreza. A entrada na seita supõe um processo de adesão e de conversão e está confirmada pela vinda

do Espírito Santo. Os cristãos separaram-se dos outros judeus pela abertura para com os gentios e também pela invocação do nome de Jesus. Por sinal, o nome de Jesus vai adquirindo tanta importância que pouco a pouco vai ser o eixo ao redor do qual se articula uma nova entidade social (COMBLIN, 2012, p. 54).

Além de ser uma seita judaica, os cristãos, também, esperavam o dia glorioso da salvação de Israel. A fé em Jesus não os fez perder a esperança, mas, reafirmá-la, pois, Jesus é o Messias que vem implantar o reino de Israel. Na cidade de Corinto, o Senhor Jesus disse a Paulo: “Tenho um povo numeroso nesta cidade” (At 18,10). Trata-se do povo de Israel de quem Jesus é o salvador.

Nessa perspectiva, a acolhida dos gentios não prejudicou a identidade de Israel, assim como os profetas haviam predito. Em At 15,14-17.21 Tiago, “o irmão do Senhor”, na reunião de Jerusalém, em seu discurso, explicou esta doutrina, conforme salienta Comblin (2012, p. 55):

- 1º) O povo de Israel foi tirado do meio das nações portanto, estas não lhe eram alheias, mas desde o início havia uma afinidade;
- 2º) Os profetas anunciaram que as nações viriam esperar o Messias junto com Israel;
- 3º) Desde os tempos antigos, Israel está presente no meio das nações, o que constitui um sinal de Deus anunciando o apelo feito às nações.

Na visão de Comblin (2012, p. 55) o povo e as nações formam uma só totalidade: “que o Cristo devia sofrer e que, sendo o primeiro a ressuscitar dentre os mortos, anunciará a luz ao povo e aos pagãos” (At 27,23). Então, as barreiras que foram criadas entre eles foram acidentais e transitórias. Mas, qual povo de Israel? O povo concreto da Palestina, ou das sobras do antigo Estado dos judeus na Palestina? Para Comblin (2012, p. 55~56) o verdadeiro povo é o de Israel vivido na Diáspora, sobretudo pelos prosélitos, pois, estavam abertos à esperança messiânica.

Segundo o artigo de Maurício Tuffani (2001, p. 146) se o cristianismo, como seita do judaísmo, tivesse ficado somente com o grupo de Tiago, “o irmão do Senhor”, em Jerusalém, ele com certeza, não teria se expandido além da bacia mediterrânea. Portanto, o mundo conheceu Cristo, graças aos grupos de Paulo, o dos helenistas, o de Samaria, o da Síria, e o do Egito, entre outros grupos, que

tiveram um papel importante na expansão atual do cristianismo, haja vista a proclamação do novo evangelho praticado por Paulo e seus seguidores.

Por fim, é dessa riqueza da beleza da liberdade do evangelho que o grupo de Tiago, “o irmão do Senhor”, (Igreja da Circuncisão) não soube perceber e vivenciar, na prática, esta experiência com o ressuscitado.

CONCLUSÃO

Finalizando, queremos enfatizar que a presente pesquisa, teve como foco o capítulo 2,1-10 de Gálatas e o capítulo 15,1-35 de Atos dos Apóstolos, o que possibilitou a investigação da questão da circuncisão dos novos cristãos, oriundos do paganismo. Tal problema foi pauta de controvérsias entre a Igreja da Circuncisão, coordenada por Tiago, “o irmão do Senhor e a Igreja da Fé, coordenada por Paulo.

Após muitas leituras, análises, reflexões, dúvidas e questionamentos, chegamos à conclusão de que há muitas controvérsias entre os dois cenários de igreja pesquisados, apesar da boa vontade de ambas em anunciarem Jesus Cristo. Até porque, elas pertencem a um período em que as discórdias/divergências foram altamente importantes para o crescimento e desenvolvimento (expansão) do cristianismo.

Nos Evangelhos canônicos, Tiago “o irmão do Senhor” não teve qualquer importância na missão e na história de Jesus. Ao contrário, sobre ele é feita uma breve menção imputando-o como um dos irmãos de Jesus que, supostamente, opôs-se durante sua vida pública ao considerá-lo como louco (Mc. 3,21-23). Porém, não conseguimos descobrir uma explicação aceitável de como um “irmão”, que tinha sido hostil a Jesus durante sua vida, de repente, torna-se o líder da Igreja logo após a sua morte. Tudo nos leva a crer que a Igreja Antiga preencheu os vazios com histórias da conversão milagrosa de Tiago, após a morte de Jesus.

Não obstante, as três teorias (helvidiana, epafaniana e jerominiana) abrem uma perspectiva nova a uma resposta. No mais, a nossa pesquisa bibliográfica, não nos permite afirmar que Tiago é ou não verdadeiramente irmão de sangue de Jesus de Nazaré.

Percebemos durante a pesquisa que o grupo de Jerusalém, ligado a Tiago “o irmão do Senhor”, queria praticar a experiência religiosa de Jesus, porém, atrelada ao judaísmo. Talvez, pelo judaísmo ser uma Religião *lícita* no império romano e por ter concepções político/religiosas estreitas (povo eleito, raça escolhida). Segundo a nossa pesquisa, essa é a principal razão para circuncidar os novos cristãos vindo do paganismo. Ademais, a situação política do judaísmo, o nacionalismo exasperado, o conflito contra Roma, podem também ter interferido nas relações dos judeu-cristãos com os étnico-cristãos, já que o selo da circuncisão se tornaria uma força de unidade do povo judeu. Mas, isso fez com que a igreja cristã de Jerusalém se tornasse uma

igreja fechada, conservadora, voltada para si mesma, não percebendo a riqueza que seria se abrisse a boa nova aos étnico-cristãos, opondo-se, portanto, à prática religiosa proposta por Paulo e outros missionários, cuja motivação era o amor à missão e a liberdade em Jesus Cristo: “É para a liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1).

Também, outra hipótese apresentada sobre o conflito da circuncisão para os novos cristãos oriundos do paganismo, seria, o jogo de poder entre as lideranças das comunidades cristãs de Jerusalém e Antioquia, conforme relata Ferreira (2011, p. 93):

Tiago, simpático e ligado ao sistema judaico, detinha o poder. Delegava ordens aos “intrusos” ou “falsos irmãos” para espiar a liberdade dos cristãos helenistas e os étnicos. Eles estavam a serviço do poder de Jerusalém que era conectado ao legalismo judaico. Precisavam perpetuar a ideologia da circuncisão. O poder de Tiago não achava necessário desvencilhar-se do sistema judaico. Havia uma dificuldade em conhecer e aderir ao novo. Ele defendia a legitimação da ordem estabelecida. Nesse contexto, os intermediários se moviam conforme a ideologia do judaísmo. Por isso, espreitavam, onde houvesse comunidade, para reproduzir o discurso que vinha de Tiago.

Quanto à Igreja coordenada por Paulo (Igreja da Fé) é uma doutrina ousada, por querer o afastamento do Judaísmo. Para Paulo, Jesus era uma pessoa humana-divina que tinha descido dos céus para a terra e experimentado a morte, com o propósito de salvar a humanidade. Isso chocava os judeus, pois além de mostrar que a doutrina de Paulo não tinha lugar nas escrituras judias, sua concepção (abertura) feria o orgulho deles, já que os mesmos eram considerados povo eleito. Paulo, perspicaz e inteligente, percebendo que o Evangelho não poderia ficar restrito a Jerusalém, extravasou-o ao mundo pagão (gentios). Esta atitude de Paulo fez com que o cristianismo se expandisse a outros povos do império Romano e civilização grega, inclusive ao mundo ocidental. Então, com esse ardor missionário a missão foi dinamizada.

Utilizando a crítica literária, no texto de Atos dos Apóstolos (15,1-35), chamados por muitos de “Concílio de Jerusalém”, mas, muito bem analisado por Comblin (2012, p. 270), que não se pode chamar de concílio, pois, não houve uma convocação de todas as igrejas cristãs da mesma região. De fato, uma reunião (assembléia) entre duas Igrejas locais, em que se reconheceu a legitimidade tanto do cristianismo hierosolimitano como do antioqueno, mas não foram elaboradas as

condições de comunhão entre as duas Igrejas em caso de coincidência num mesmo lugar (MONASTERIO; CARMONA, 2000, p. 253). Portanto, isso foi motivo de tantos conflitos e confrontos entre a Igreja coordenada por Tiago, “o irmão do Senhor”, e a Igreja coordenada por Paulo.

Quanto à conversão de Paulo, narrada nos Atos dos Apóstolos, é uma criação teológica da comunidade lucana que tinha o objetivo de mostrar a força da intervenção de Cristo. Pelos fatos apresentados, a conversão e a crença de Paulo foi o resultado de muitos anos de vivência e experiências nas comunidades cristãs, e não fruto de um momento místico ou visão instantânea. No At 13,1-12 fica evidenciado esta premissa. Paulo foi assistente (auxiliar) de Barnabé e outros missionários, isto quer dizer, que sua fé foi amadurecendo aos poucos, como um processo de mudança, assim como aconteceu com os primeiros discípulos de Jesus na Galiléia.

Com base em Ferreira (2012) pode se dizer que a Igreja coordenada por Tiago, “o irmão do Senhor”, (Igreja da Circuncisão) era muito conservadora, tradicional e ligada ao sistema judaico, representada assim, pelos judeus convertidos (judeu-cristãos). Entretanto, a Igreja coordenada por Paulo (Igreja da Fé) era mais liberal, aberta, voltada para o estrangeiro e para todos os povos (gentios). Essa tese confirma então, que o cristianismo primitivo fora formado por vários grupos, não existia somente uma única experiência em Jesus. Talvez, uma Igreja e vários modelos (cenários), ou seja, existiam várias cristologias (doutrinas diferenciadas), e também, várias eclesiologias (pastorais religiosas diversas). Conseqüentemente, surgiam, naturalmente, muitas controvérsias, conflitos e confrontos, tendo em vista, os interesses dos grupos, dos discípulos e das autoridades eclesiais em torno da vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Diante do exposto, entendemos que conseguimos responder as perguntas elaboradas na introdução de nosso trabalho, bem como, atender os objetivos da presente pesquisa, os quais foram alcançados pelas investigações das informações bibliográficas detectadas no referencial teórico que selecionamos.

Do mesmo modo, a nossa hipótese é confirmada quando se conclui que os fatos vivenciados nas comunidades cristãs primitivas (meados e final do século I), relatadas na Carta aos Gálatas (2,1-10) e Atos dos Apóstolos (15,1-35), mesmo com todas dificuldades, conflitos e divergências pastorais, entre os diversos grupos, representam uma realidade experimentada na fé, no amor e na dedicação dos

primeiros seguidores de Jesus Cristo, quer sejam judeus ou pagãos. Mas, totalmente motivados pelo amor à missão e à liberdade fizeram com que o Evangelho chegasse até aos povos distantes, no imenso Impero Romano e na Cultura e Civilização Helênica.

Portanto, a conclusão que chegamos é que o cristianismo surgiu mediante questionamentos, controvérsias, conflitos teológicos, ideológicos e pastorais. Desta forma, é mais do que aceitável a existência de diversas correntes teológicas, cristológicas e eclesiologicas da nossa atualidade, inclusive com as diversas igrejas cristãs que compõem o panorama religioso do Brasil.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2014.

BAGATTI, Belarmino, O.F.M. *A Igreja da Circuncisão*. História e Arqueologia dos judeu-cristãos. Tradução: Ludovico Guarmus, O.F.M. Petrópolis: Vozes, 1975.

BERNHEIM, Pierre-Antoine. *Tiago, irmão de Jesus*. Tradução: Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BOSCH, Jordi Sanchez. *Escritos Paulinos: introdução ao Estudo da Bíblia*. V.7 São Paulo: Ave Maria, 2002

BRITO, Jacir Rodrigues de. O apóstolo Paulo e a tradição farisaica. *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americano (RIBLA)*, 40, Petrópolis: Vozes, p.20-35, 2001.

CASAGRANDE, Moacir. *Apóstolo Paulo: evangelizador das Nações*. Brasília: Edição do autor, 2012.

CASTELOT, John J; CODY, Aelred, O.S.B. Instituições religiosas de Israel. In: BROWN, Raymond E; FITZMYER, Joseph A; MURPHY, Roland E. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: novo Testamento e artigos sistemáticos*. Tradução: Celso Eronides Fernandes - Academia Cristã. São Paulo: Paulus, 2015. p. 1329-1353.

COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. 2.a ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

COMBLIN, José. *Paulo apóstolo de Jesus Cristo*. Petrópolis: Vozes, 1993.

COMBLIN. Paulo e a cruz de Jesus. *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americana (RIBLA)*, 20, Petrópolis: Vozes, p.54-61, 1995.

COMBLIN, José. Paulo e a mensagem da liberdade. *Estudos Bíblicos*, 14, Petrópolis: Vozes, p.64-70, 1987.

COTHENET, E. *A Epístola aos Gálatas*. São Paulo: Paulinas, 1985.

COUTO, Maurício A. Fé e conflito na assembléia de Jerusalém: Atos 15,5-21. *Estudos Bíblicos*, 3, 2. ed, Petrópolis: Vozes, p.35-39, 1985.

CRAVEIRO, Rodrigo. Arqueólogo conta como achou urna fúnebre. *O Popular*. Goiânia, 22 out. 2002. Caderno Mundo, p. 04

DANIEL-ROPS, Henri. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. Tradução: Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 2014

DEL PINO, Carlos. *Missões e a igreja brasileira*, São Paulo: Mundo, 1993, p. 58.

DILON, Richard J. Atos dos Apóstolos. In: BROWN, Raymond E; FITZMYER,

Joseph A; MURPHY, Roland E. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: novo Testamento e artigos sistemáticos*. Tradução: Celso Eronides Fernandes - Academia Cristã. São Paulo: Paulus, 2015. p. 309-398.

DOCUMENTOS DO MUNDO DA BÍBLIA, 3. *FLÁVIO JOSEFO: uma testemunha do tempo dos Apóstolos*. Tradução: I. F. Leal Ferreira; revisão Josué Xavier. São Paulo: Paulus, 1986.

DUPUIS, Jacques. *Introdução à Cristologia*. Tradução: Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola, 1999

FABRIS, Rinaldo. *Paulo: apóstolos dos gentios*. Tradução: Euclides Martins Balancini. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

FELLER, Vitor. *Jesus de Nazaré: homem que é Deus*. Petrópolis: Vozes, 2004.

FERREIRA, Joel Antônio. *A Abertura das Fronteira Rumo a Igualdade e Liberdade: A Perícope da Unidade em Cristo (GL 3, 26-28)*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo. Tese de Doutorado, p. 34-87, 2001.

FERREIRA, Joel Antônio. *Gálatas: A Epístola da Abertura de Fronteiras*. São Paulo: Loyola, 2005.

FERREIRA, Joel Antônio. *Jesus na origem do Cristianismo: os vários grupos que iniciaram o Cristianismo*. Goiânia: PUCGoiás, 2012

FERREIRA, Joel Antônio. *Paulo, Jesus e os Marginalizados: leitura conflitual do Novo Testamento*. 2. ed. Goiânia: PUCGoiás, 2011.

FITZMYER, Joseph A. Paulo. In: BROWN, Raymond E; FITZMYER, Joseph A; MURPHY, Roland E. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: novo Testamento e artigos sistemáticos*. Tradução: Celso Eronides Fernandes - Academia Cristã. São Paulo: Paulus, 2015. p. 1475-1490.

FITZMYER, Joseph A. A Carta aos Gálatas. In: BROWN, Raymond E; FITZMYER, Joseph A; MURPHY, Roland E. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: novo Testamento e artigos sistemáticos*. Tradução: Celso Eronides Fernandes - Academia Cristã. São Paulo: Paulus, 2015. p. 421-440.

FRANGIOTTI, Roque. *História das Heresias (Séculos I-VII): conflitos ideológicos dentro do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1993.

GONÇALVES, H.M. Teologia da inclusão a partir de At 15, 1-35. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: São Leopoldo. nº 66, p. 62-69, 2000.

HAMMAN, A.-G. *Para ler os Padres da Igreja*. Tradução: Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1995.

KONINGS, Johan. Falar na própria forja. A conversão de Paulo (At 9; 22; 26). *Estudos Bíblicos*, 3, 2. ed, Petrópolis: Vozes, p.58-67, 1985.

KISTEMAKER, Simon J. *Comentário do Novo Testamento: Atos*. Tradução: Èzia Mullins e Neuza Batista da Silva. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. Vol. II

LEAHY, Thomas W, S.J. Epístola de Tiago. In: BROWN, Raymond E; FITZMYER, Joseph A; MURPHY, Roland E. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: novo Testamento e artigos sistemáticos*. Tradução: Celso Eronides Fernandes - Academia Cristã. São Paulo: Paulus, 2015. p. 667-681.

LELOUP, Jean-Yves. *O Evangelho de Tomé*. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

LIMA, Wendell da Cunha. *A discriminação do pobre em Tiago 2,1-7: Uma análise exegética e sociológica*. 2017. 141 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia - GO. p. 19-23. Disponível em: <<<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3690>>> acesso em 29 abr 2017

MCKENZIE, John L. Aspectos do Pensamento do Antigo Testamento. In: BROWN, Raymond E; FITZMYER, Joseph A; MURPHY, Roland E. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: novo Testamento e artigos sistemáticos*. Tradução: Celso Eronides Fernandes - Academia Cristã. São Paulo: Paulus, 2015. p. 1475-1490.

MACK, Burton L. A Criação do Mito do Cristianismo: Parte 5. Mario's HomePage. Disponível em: <<<http://www.iis.com.br/~mporto/crim05.html>.>> Acesso em 04 nov. 2002.

MACK, Burton L. A Criação do Mito do Cristianismo: Parte 6. Mario's HomePage. Disponível em: <<<http://www.iis.com.br/~mporto/crim06.html>.>> Acesso em 04 nov. 2002.

MARTIN Rodríguez, Santiago. *O Evangelho secreto da Virgem Maria*. São Paulo: Publicações Mercuryio Novo Tempo: Paulus, 2012.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. A espiritualidade do Apóstolo Paulo. Vencer os obstáculos, sem perder a ternura. *Reb* 69, fasc. 275, Petrópolis: Vozes, p.533-548, 2009.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. Las primeras comunidades cristianas dentro de la coyuntura de la época. Las etapas de la historia del año 30 al año 70. *Revista Interpretacion Bíblica Latinoamericana (RIBLA)*, nº 22, Quito, Ecuador, p. 32-43, 1996

MESTERS, Carlos. Os conflitos no livro dos Atos dos Apóstolos: uma sugestão para o estudo. *Estudos Bíblicos*, 3, 2. ed, Petrópolis: Vozes, p.21-34, 1985.

MÍGUEZ, Néstor. Paulo, o compromisso da fé: para uma Vida de Paulo. *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americano (RIBLA)*, 20, Petrópolis: Vozes, p.7-29, 1995.

MONASTERIO, Rafael Aguirre; CARMONA, Antônio Rodríguez. *Evangelho Sinóticos*

e os *Atos dos Apóstolos*. Introdução ao Estudo da Bíblia. Vol. 6. Tradução: Alceu Luiz Orso. 3 ed. São Paulo: Ave Maria, 2004.

MONDONI, Danilo. *O cristianismo na antiguidade*. São Paulo: Loyola, 2014.

MORALDI, Luigi. *Evangelhos apócrifos*. São Paulo: Paulus, 1999.

MOSCONI, Luís. Paulo Apóstolo: fidelidade a Jesus Cristo e ao Reino no meio dos conflitos. *Estudos Bíblicos*, 12, Petrópolis: Vozes, p.24-30, 1987.

O'CONNOR, Jerome Murphy. *Paulo: Biografia crítica*. Tradução: Barbara Theoto Lambert. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

PATTE, Daniel. *Paulo, sua fé e a força do Evangelho: introdução estrutural às Cartas de São Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1987.

PIERINI, Franco. *Curso de história da Igreja*. São Paulo: Paulus, 1998.

PIXLEY, Jorge. Tiago e a Igreja de Jerusalém. *Revista de Interpretação Bíblica Latino Americano (RIBLA)*, 22, Petrópolis: Vozes. p. 127-146, 1995.

PRADO, José Luiz Gonzaga do. Paulo: o evangelizador se evangeliza. *Estudos Bíblicos*, 39, Petrópolis: Vozes, p.64-74, 1993.

RABUSKE, Irineu José. A Igreja em suas origens: Revisitando os Atos dos Apóstolos. *Teocomunicação*. Porto Alegre, v.42, n. 1, p. 5-18, jan. /jan.2012

SANTOS, Samuel N. *7 fatores que possibilitaram o crescimento do cristianismo nos primeiros séculos: uma abordagem histórica*. Goiânia: Kelps, 2014.

SILVA, J. B. Cascalho. A família de Jesus: Uma análise da narrativa de Marcos (Mc 3,31-34). *Fragmentos de Cultura* (Online), v. 24, p. 423-428, 2014.

SILVA, Valmor da. *Paulo, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus: teologia paulina*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2008 – (Coleção Bíblia em comunidade. Série teologias bíblicas; 10)

TAMEZ, E. *Santiago: lectura latinoamericana de la epístola*. San José: DEI, 1985.

TUFFANI, Maurício. A invenção do cristianismo. *Revista Galileu*. Rio de Janeiro: V. 10, n. 117, p. 146, abril 2001.

VIELHAUER, Philipp. *História da literatura cristã primitiva: introdução NT, aos apócrifos e aos pais apostólicos*. São Paulo: Academia Cristã, 2005

VOUGA, François. *A Carta de Tiago*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Loyola, 1996.

WEGNER, U. *A leitura bíblica por meio do método sociológico*. Mosaicos da Bíblia, CEDI – Centro Ecumênico de Documentação e Informação, São Paulo, n. 12, out./dez. 1993.